

REVISTA

DA SEMANA

Mauro Braga
Apresenta:
Os jogadores
De xadrez
Da política
Brasileira



Almirante:
Estou
Enojado do
Rádio





les cours
rim, va c

O AMIGO FIEL DO HOMEM

♦ Este é mais do que amigo. É um verdadeiro servidor. Todas as manhãs, pontualmente e sem que receba ordens de ninguém, este cão vai fazer as compras para seu dono. Traz o pão, os jornais e os cigarros. E nunca pede aumento de salário ou se julga injustiçado e revoltado.

Ano 57 — N° 14 — Rio de Janeiro — 6-4-1957

DIRETOR
Helio Fernandes

COLABORADORES

Augusto Frederico Schmidt, Antônio Carlos Nogueira, Carlos Lemos, E. Tourinho, Eneida, Ely Azeredo, Fortuna, Fernando Lobo, Gilson Campos, Hermano Nobre Alves, Jorge Campos, José Roberto Teixeira Leite, Jeff Thomas, L. Junqueira, Mauro Braga, W. Guarnieri.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Os jogadores de xadrez da política brasileira	4/7
Estou enojado do rádio	20/21
De quem são estes poemas?	22/23
Eloisa Dolabela	30/35
Um latifúndio para cada índio Xingu	38/43
Teatro popular, teatro popularesco	46/49
Ademar x Jânio	56/57
Paes Barreto	60/61

HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------	-------

Este número consta de 64 páginas.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 400,00
Seis meses	Cr\$ 200,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 650,00
Seis meses	Cr\$ 325,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 800,00
Seis meses	Cr\$ 400,00

O número avulso custa Cr\$ 8,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 9,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Propriedade da
Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente	Gratiliano Brito
Diretor-Comercial	Ivan Guimarães
Diretor-Gerente	Wenceslau Quintais
Chefe de Publicidade	J. M. Costa Júnior
Paginação	Victor Tapajós
Fotografia	A. Vieira e A. Ferreira
Desenho	Alberto Lima
Laboratório	V. M. Vasconcelos
Redatores e corretores	S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES:

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO

A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69
Fone: 34-1569



◆ NOSSA CAPA — Eloisa Dolabela, uma das moças mais bonitas, simpáticas, charmosas e agradáveis do momento. Lidera (com Ilde Garavaglia e a doce Roxinha) a sua geração, o Country e mesmo «as inimigas». Ektachrome de Yllen Kerr, exclusivo para a REVISTA DA SEMANA.

CRIANÇAS E CARNAVAL

● Fêz esta revista, em três números consecutivos, uma verdadeira campanha contra as pomposas fantasias com que pais vaidosos vestem seus filhos para os bailes de Carnaval. Aqui quero eu hoje prestar meu apoio a essa atitude da REVISTA DA SEMANA sobre um problema que há muito vem sido abordado por puericultores e pedagogos nacionais. Dar à criança o direito de brincar o Carnaval, isso nem há dúvida, principalmente se considerarmos que ser carnavalesco é coisa que o carioca traz do berço; fantasiar as crianças com roupas simples e confortáveis é justíssimo; mas vestir as pobrezinhas com veludos, lantejoulas, plumas, etc., isso é positivamente um grande erro. Não apenas porque nosso Carnaval se realiza no mês mais quente do ano, mas porque com essas vestimentas estamos tirando das crianças o direito à alegria, aos divertimentos.

● Há ainda motivos de ordem psicológica seriíssimos; não é raro encontrarmos meninas vestidas de Madame Pompadour — por exemplo — e tendo como modelos de fantasias outras senhoras de passado bastante comprometido. A criança é um ser fabulosamente curioso, tendo para tudo sempre uma pergunta, logo, há de querer saber que fantasia é aquela, quem era a tal madame, o que fazia, porque andava assim tão cheia de complicadas roupas. Explicarão os pais? Dirão eles o que fêz a referida senhora e porque seu nome figura na História? Falamos na Pompadour, mas poderíamos falar em milhares de vultos — homens e mulheres — de péssimo comportamento que servem de figurino para que nossas crianças ganhem prêmios em bailes infantis. Vestem uma criança de "favorita do Sultão"; sabe ela o que isso significa? O que é ser favorita de um sultão. O que é um sultão? Nada mais triste do que ver um baile infantil, dêsses luxuosos que dão prêmios; as pobrezinhas mal podem andar; brincar nem se fala. Aliás, na minha pobre maneira de ver, nada menos próprio aos folguedos carnavalescos do que as fantasias complicadas, exibicionistas, caríssimas é certo, estranhíssimas é certíssimo, de gosto duvidoso muitas vezes, nas quais as fantasiadas mal podem se mexer. Digam: isso é brincar Carnaval?

● Meu amigo dr. Darcy Evangelista em seu suplemento de puericultura dominical do "Diário de Notícias" vem, todos os anos, quando o carnaval se aproxima, ensinar às mães as melhores e mais apropriadas fantasias para seus filhos de acordo com a idade e o sexo: roupas amplas, leves, simples, nas quais possam pular e brincar sem prejuízos para a saúde. Não creio que as lições de Darcy sejam aprendidas, pois pelo que vejo nas revistas contando como foi o nosso último carnaval, as crianças andaram demasiadamente vestidas com milhões de panos, plumas e outras complicações. Enquanto os adultos cada vez mais se despem para brincar o Carnaval, mais vestem as crianças, inclusive com roupas que jamais deveriam cair em seus pequeninos corpos ingênuos e puros. Ou os pais não lhes contam o significado de certas fantasias? Por tudo isso estou plenamente de acordo com a atitude da REVISTA DA SEMANA combatendo as fantasias infantis de 1957. Desculpem se meu apoio e meu comentário é tardio. Mas sempre é hora para se protestar contra erros.



ETELVINO LINS

◆ Aos 48 anos e com 8 filhos (na foto), o sr. Etelvino Lins tem uma terrível reputação. Tudo já foi dito sobre ele. Cangaceiro, assassino, homem frio e desalmado. A tudo venceu, com calma e paciência. Estava então no Senado (como Inez de Castro, pôsto em sossego), quando morreu Agamenon. Resolveu ser governador de seu Estado. Os primeiros que souberam dessa sua pretensão, caíram na gargalhada. Os outros nem chegaram a rir, pois em dois tempos, manobrando com habilidade, transformou-se em candidato único. Conseguiu unir Cleofas, Jarbas Maranhão, Apolônio e todos os coronéis do interior, no mesmo saco e lutando pela mesma bandeira: a sua. Eleito governador, repudiou todo mundo, começou a fazer a sua política, a trabalhar para si mesmo. O famoso esquema Etelvino lançado pouco depois, transformou seu nome municipal

num nome nacional, elevou-o às culminâncias. Agitou muito, manobrou de todas as maneiras, não perdeu uma jogada. E tanto fez, tanto mexeu que acabou candidato a presidente da República. E' evidente que passando de coordenador da candidatura Juarez a candidato de Juarez, muitas inimizades teria que arranjar. Amigo íntimo e conselheiro de Café Filho, não resistiu a condição de homem pobre, aceitou um lugar no Tribunal de Contas. Mergulhou no ostracismo, de onde veio emergindo lentamente. Já fez acôrdo em Pernambuco, selou aliança com Apolônio, pretende voltar ao govêrno. E se não abrirem os olhos voltará mesmo. Pois capacidade e habilidade para articular seu próprio nome não lhe faltam. E ambição e fome de poder também não.

Mauro Braga apresenta

OS JOGADORES DE XADREZ DA POLÍTICA BRASILEIRA

BENEDITO VALADARES, DURANTE MUITOS ANOS FOI CONSIDERADO «BURRO». MAS O QUE MUITOS CONSIDERAVAM «BURRICE», ERA APENAS MATREIRICE — ARTUR BERNARDES FILHO, HÁ 30 ANOS CONFUNDE TODO MUNDO, FAZ JOGADAS DE MESTRE, APOIA E «DESAPOIA» GOVERNOS — JOSÉ CÂNDIDO FINALMENTE CONSEGUIU IMPOR À PRÓPRIA UDN, OS SEUS TÍTULOS DE POLÍTICO HÁBIL E CONSTRUTOR — VIRGÍLIO TÁVORA, CALADO, CALADO, MEIO ANTIPÁTICO, MAS UM CÉREBRO MAQUIAVÉLICO PARA COISAS DE POLÍTICA — BALBINO, O QUE TEM DE PEQUENININHO TEM DE DIABÓLICO EM MATÉRIA DE ARTICULAÇÃO, COMBINAÇÃO E SAGACIDA-

DE POLÍTICA — E O DR. JOÃO NEVES: AMIGO DE GETÚLIO, INIMIGO DE GETÚLIO, MINISTRO DE GETÚLIO, MINISTRO DE DUTRA, INIMIGO DE DUTRA, COORDENADOR DO GOLPE, EMINÊNCIA PARDA DA IMPRENSA, MAS SEMPRE EM PRIMEIRO PLANO — ETELVINO PULOU RÁPIDAMENTE DO PLANO ESTADUAL PARA O NACIONAL E FIRMOU SUAS CREDENCIAIS DE JOGADOR DE XADREZ DE CATEGORIA — E TANCREDO: DE DEPUTADO INÉDITO E QUASE DESCONHECIDO, PASSOU A PRINCIPAL SUSTENTÁCULO DO GOVERNO GETÚLIO E COORDENADOR (E ORÁCULO) DO GOVERNO KUBITSCHKE.

ESTA REPORTAGEM não implica num julgamento. É apenas uma constatação. As 8 figuras que aqui aparecem são realmente as que mais se destacam no cenário político brasileiro. Tudo que acontece no Brasil, é certo que leve a «marca» de um deles. E às vezes de todos eles. São eficientes. Sagazes. Macios. Agressivos às vezes (muito poucas), hábeis e com uma enorme capacidade de prever acontecimentos. Na tremenda confusão que se estabeleceu depois

do 24 de agosto de 1964, conseguiram firmar pé, e continuar na crista dos acontecimentos. Muitas vezes em campos opostos, cultivam com carinho o princípio do convívio social e da coexistência pacífica. Como bons jogadores, sabem «que um dia é da caça e outro do caçador». E mesmo quando estão com o adversário na alça de mira, com os joelhos bem fincados no terreno e prontos para desfechar o tiro fatal, ainda pensam maduramente. Nas consequências

do tiro. Nos ferimentos que podem causar. E nos estragos que o recuo da arma pode ocasionar. Como autênticos jogadores de xadrez, não se atobam, são calmos e persistentes, serenos e ponderados. Quase não provocam manchetes. Mas são indiscutivelmente os homens que fazem e desfazem, no complexo e intrincado jogo da política.

TANCREDO NEVES

♦ Até 1953 pouco se sabia de Tancredo Neves. Deputado do PSD mineiro, um partido que teimava em se manter mudo e cabisbaixo. Numa bancada que não era de briga, num partido com vocação governista, Tancredo pouco podia aparecer. Mas de repente, não se sabe bem por que, Getúlio escolheu-o para Ministro da Justiça. Dizem que a indicação partiu de Juscelino, então Governador de Minas. Mas a verdade é que Tancredo aproveitou a oportunidade. E em 54, nos terríveis acontecimentos que culminaram com a morte de Getúlio, teve uma participação importante. E se Vargas tivesse ouvido aquele moço simpático e inteligente, talvez a história do Brasil fôsse contada de outra maneira. Caiu no 24 de agosto, incompatibilizou-se (momentaneamente) com as classes armadas, desapareceu. Mas por trás dos bastidores, continuou manobrando, prestou grandes serviços a Juscelino. Fêz articulações em S. Paulo, é homem da confiança de Jânio, com pontas de lança em todos os partidos. Muito moço, tem um futuro político certo e garantido. Não se atoba, não gosta muito de aparecer, tímido e retraído por temperamento e por cálculo. E um dos homens mais fortes junto a Juscelino na política, o seu verdadeiro braço direito e conselheiro.





Artur Bernardes

♦ Há 35 anos (em 1922), o doutor Artur Bernardes Filho provou pela primeira vez as delícias do poder. Gostou. Não se afastou mais dele. Não importa que tenha estado mais tarde no exílio, que algumas vezes tenha feito oposição. O que há de visceral, de fundamental, de primordial na sua formação é o gosto pelo poder, pelas ligações que só o poder propicia. Não é um conspirador. É um coordenador. Entre as catacumbas e um apartamento refrigerado, não hesita. É um homem refinado, de bom gosto, que mesmo na política, conservou seus hábitos e suas predileções. Não tem hesitações, não faz bobagens, não teme coisa alguma. É um vitorioso, sabe disso, e age sempre como tal. Usa seu charme (indiscutível) como arma de defesa e de ataque. Poucos têm resistido a ele. Tem o gosto da filigrana, da operação bem executada, da vitória longa e maduramente arquitetada. Nenhuma vulgaridade nos seus gestos, nas suas atitudes, nas suas decisões. Mesmo seu desprezo tem uma ponta de refinamento, a humilhação que impõe aos adversários derrotados tem um tom natural de cortesia. Mas com tudo isso, é capaz de aceitar a luta em campo aberto, de se irritar, de perder a calma algumas vezes. E é isso que o diferencia dos outros jogadores de xadrez da política brasileira. Um Balbino, um Valadares, um Etelvino jamais se descontrolam, coisa que algumas vezes sucede com Artur Bernardes. Como todo grande jogador, sofre a sedução dos contrastes, não resiste à tentação de vencer até a última jogada. Tem decidida vocação política, sabe prever um acontecimento e tirar dele tudo que lhe possa interessar. Em 45 esteve na crista da onda. Foi íntimo de Dutra e de Getúlio. E em 54 quando Getúlio caiu, já era íntimo de Café e um dos porta-vozes de seu governo. Na campanha eleitoral de 55, seu apartamento foi centro (e palco) de encontros que até hoje permanecem secretos. Juscélino e Meneghetti (no au-

Os jogadores de xadrez da política...

ge da campanha) se encontraram lá. E Etelvino e Juscélino (então irreconciliáveis) estiveram sob o mesmo teto, à mesma hora, sem sequer imaginar que estavam tão próximos. Um gesto mais audacioso desse fabuloso manobrador político e os «irreconciliáveis» se «reconciliariam». Quando Juscélino chegou aos EE.UU. numa viagem de surpresa, Artur Bernardes já estava lá há 20 dias. Coincidência? Não. Sim. É provável.



Antônio Balbino

♦ Esse baiano pequeninho parece disposto a provar o que ninguém duvida: «baiano burro nasceu morto». Sabe o que faz, não se mete em terrenos que não conhece, as aventuras não o seduzem. Trabalhou metódicamente durante vários anos para conquistar o governo da Bahia e conquistou-o na hora que entendeu. Não tem inimigos irreconciliáveis e olha amigos e inimigos como peças do mesmo jogo. Às vezes é necessário afastar um amigo mais pra lá, trazer o inimigo mais pra cá, enfim, preparar e executar as jogadas que poucos perceberão, de que só vão tomar conhecimento depois de realizada. É hábil, astuto e desconfiado. Não tem escrúpulos, princípios irredutíveis, opiniões que não possa modificar. No dia 16 de janeiro, em Londres, o presidente Juscélino me perguntou o que achava de Balbino. Respondi: «é um homem diabólico, com uma longa sequência de triunfos a colhê-lo. E não duvide, presidente, que ele sabe sempre como colhê-los». E enquanto lhe derem como adversários, Régis Pacheco e Vieira de Melo, mais a sua posição se consolidará. Pois quem nasceu para lutar contra Maquiavel não pode ser derrotado pelos vieiras e pelos régis.

Até agora, só fracassou numa coisa. Na conquista do Ministério do Exterior. Deseja ardentemente ser «chancellor», e se morrer sem conquistá-lo, vai ser um morto aborrecido e frustrado. Mas quer conquistar o Ministério sem fazer concessões, sem descer do seu Olimpo particular, sem agradar a ninguém. E isso é impossível, mesmo para «os donos do mundo», como é indiscutivelmente Artur Bernardes.



J. Neves da Fontoura

♦ Por pouco o dr. João Neves não conseguia um recorde único na vida pública brasileira: 3 vezes ministro do Exterior. Foi ministro de Dutra, ministro de Getúlio e se não fôsse a presteza e o cálculo frio do gen. Lott a 11 de novembro, seria ministro mais uma vez. O que tem de pequeno tem de terrível. Foi o grande orador (dizem) da revolução de 30, e (também dizem) que sua oratória produziu mais estragos que os canhões do gen. Góis. Deputado, líder da maioria da Câmara, tribuno de méritos, desmente a fama de que em política o jogador de xadrez não é grande orador. Brigou com Getúlio espetacularmente, produzindo o «Acuso», com o qual conseguiu duas coisas importantes: irritar Getúlio e elevar-se à condição de «imortal», alguns anos mais tarde. Pode-se dizer que toda a agitação da campanha de 55 foi provocada por ele. Seus tremendos (e lidíssimos) editoriais em «O Globo», quase levam o país a revolução. E pelo único e exclusivo motivo de ter escolhido mal. Pois não tem incompatibilidade com Juscélino, ou com quem quer que seja. O que ele tem é um pavor terrível do ostracismo, um medo louco de ficar longe dos acontecimentos.



Benedito Valadares

◆ De onde veio ninguém sabe. O que se sabe, é que quando Getúlio o nomeou para o governo de Minas, quase o mundo veio abaixo. «E' de mais», disseram muitos. «Quem é esse Benedito para governar Minas?», perguntaram outros. Mas a verdade é que mesmo sem passado, se empossou, organizou o secretariado e começou a governar. Nunca ninguém provocou tanta piada quanto Benedito. Mas apesar disso (ou por causa disso), foi subindo, foi construindo paulatinamente uma reputação. A princípio essa reputação não era das mais agradáveis. Durante muito tempo Benedito Valadares ficou sendo sinônimo de burrice. Todos riam de suas atitudes, dos seus gestos, dêle mesmo. E êle calado, sem dizer uma palavra, dando a impressão a todos, da certeza dos julgamentos. Mas de repente muitos começaram a estranhar, e a murmurar que Benedito não era tão burro assim. Nunca perdera uma disputa eleitoral, sabia conseguir tudo que queria, os amigos dêle estavam sempre por cima, em boa situação. Isso era ser burro? alguns já se perguntavam. No dia 29 de outubro de 45, no episódio da candidatura Dutra e depois, na coordenação do famoso acôrdo interpartidário, Benedito estragou completamente o seu cartaz de burro, pois a sua atuação foi decisiva. Houve então o estouro. Os mesmos que gozavam e achincalhavam Valadares, passaram a ser os primeiros a endeusá-lo, a proclamar a sua inteligência, a formar no seu «fã-club». Hoje Benedito é tido e havido como «avis rara». Todos temem a sua força, o seu poder de articulação, a sua capacidade de conversar. Lutou decididamente contra a candidatura Juscelino. Conspirou. Arregimentou forças contra seu antigo protegido. Pela primeira vez perdeu uma disputa eleitoral. Mas quando se pensava que não sobreviveria a êsse golpe, ei-lo fagueiro e feliz da vida, a anunciar no Senado que Juscelino só o trata de «meu chefe Valadares». Foi para a ONU, é presiden-

te do PSD, e será o que quiser. Os homens como Benedito Valadares não se enterram com facilidade. Sua capacidade de prever e se amoldar a acontecimentos ainda vai levá-lo a outras vitórias. Benedito Valadares: jogador de xadrez invicto, é o Alekine da política brasileira.

★



Virgílio Távora

◆ Sobrinho de Juarez, pelo menos 20 anos mais moço do que êle, Virgílio é no entanto muito mais hábil do que o tio. Diga-se logo, a bem da verdade, que a carreira de Virgílio foi feita independente do nome de família. Em política êle é Távora por acaso. E' um homem diabólico, que tem conseguido o impossível explorando aquela cara de menino ingênuo e inexperiente. Pode ser considerado o Benedito Valadares da UDN. Calado, sisudo mesmo, com uma capacidade impressionante de provocar antipatias. Mas mesmo assim vai trabalhando na sombra, tecendo, articulando. Dentro do partido, todos conhecem a sua força. E os adversários, quando resolvem experimentar têm apanhado surras de «criar bicho». O Ceará vai assistindo já há algum tempo a luta entre êle e Armando Falcão. E quando parecia derrotado e liquidado, Virgílio renasceu das cinzas e quase dominou o Estado. E se Armando Falcão não abrir os olhos, êsse esperto e atrevido Virgílio Távora ainda o come por uma perna.



José Cândido Ferraz

◆ Quando aquêle mocinho quase imberbe, bem arrumado e elegante apareceu na Câmara pela primeira vez (em 1946), todo mundo queria saber quem era. «E' José Cândido Ferraz», disseram. «Deputado da UDN do Piauí». E a informação não progrediu, pois realmente ninguém sabia mais nada sobre êle. Mas nos anos que se seguiram, o moço começou a se destacar, a mostrar o que valia. Sem nunca ocupar a tribuna (traço comum a todos os jogadores de xadrez da política), foi abrindo seu caminho. Era da UDN, tinha um lugar marcado dentro do partido, tido e havido como íntimo e porta-voz de Eduardo Gomes, mas não hesitava em conversar com os situacionistas, em colaborar com o governo. Foi (por causa disso), rotulado de chapa branca, designação inventada por João Duarte Filho, o famoso e terrível «cicuta com marshmallow». Não se incomodou, ficou amigo dos jornalistas, talvez o mais íntimo dêles. Um dos políticos mais bem informados do Brasil, cedia de vez em quando algumas informações a seus amigos da imprensa, necessitados de notícias para suas colunas e suas manchetes. Foi crescendo, ganhando importância dentro e fora do partido, firmando sua reputação de exímio e perito conversador. Nunca se incomodou em aparecer, em sair do quase anonimato. As vitórias eram dêle, mas deixava que outros se apresentassem como os artífices delas. Só agora, no episódio extraordinário da eleição de Carlos Lacerda para líder da UDN, teve que mudar de tática. Veio para a luta em campo aberto, e então muitos se espantaram com a sua capacidade, a sua habilidade, o seu tremendo poder de articular e realizar. E é tal êsse poder hoje, que o seu «inimigo» e «correligionário» Aliomar Baleeiro não se cansa de proclamar (com ironia, mas com muito de sinceridade): «Na UDN, só quem tem poder de veto é José Cândido Ferraz».



◆ M
zes c
God
não
subin
mil r
Moç
durã
de s
God
rito,
zou-s
baia
desd

En
toma
nar-r
que
1957
merc
abril
Estor
navi
em
meir
a Ba
barc
rega
raísc
cres
riso
de
rem
Há
Ger
Ger
doc
um
estã
e c

PÁGINAS DO GALO BRANCO

PRIMEIRA VIAGEM A SALVADOR

◆ Mestre Godofredo Filho move-se com lentidão e dignidade. Vozes o saúdam das janelas antigas: — Godo, Godozinho, Godosão! Godofredo promete vir tomar um café um dia, mandar um peixe, não faltar a certa cerimônia ou festa. E caminha sereno descendo ou subindo as ladeiras. Lembro-o quando chegou o Mestre ao Rio em mil novecentos e vinte e muitos pageado por Mário de Andrade. Moço em flor, mas já macio, civilizado, correto. Agora é um madurão como eu mas continua o mesmo homem fiel às preocupações de sempre, aos temas baianos bem amados. Acontece apenas que Godofredo Filho já se misturou para sempre à atmosfera, ao espírito, aos azeites baianos. É um baiano que a força de o ser universalizou-se. Tão baiano que é um grande da cultura, de toda a parte. Tão baiano que entende todos os problemas até mesmo os que os estetas desdenham.

★

Em companhia de Godofredo Filho procuro um suco de fruta para tomar, um refresco qualquer e não encontro. O único jeito é resignar-me a água de Itaparica. Começo então a falar de frutas e eis que de repente, deixo Godofredo Filho neste mês de março de 1957, meio entretido com as ironias em flor de Odorico Tavares e, mergulhando no tempo levanto a cabeça no ano de 1913, mês de abril data do meu primeiro encontro com a Bahia. Pura delícia. Estou com sete anos de idade. Acabo de chegar a Salvador num navio chamado *Demerara*, de passagem a Europa para onde vou em companhia de pai, mãe, avó, irmãs e a babá Francisca. A primeira sensação que a Bahia me oferece vem de suas frutas. Descubro a Bahia através das frutas. O *Demerara* não atracava, mas quantos barquinhos, canoas, saveiros, dançando nas águas verdes-azuis, carregados de cestas com mangas, abacaxis, caju, laranjas. Era o paraíso! Sim, era o paraíso, com os gritos dos vendedores pretos, álares, matinais. Ficou-me um riso dessa manhã de 1913, até hoje. Um riso de deslumbramento, um riso de surpresa. Bahia! Enfim, desço de bordo e vou-me ao pôrto com a família levado num barco a remo. Braços pretos fazem força. O dia abre a boca quente e bela. Há gente nos esperando — um casal amigo — Pedro e Candinha. Gente de cor, mas gente boa, correta, inesquecivelmente honesta. Gente amiga, gente parecida com linho, quanto mais antigo mais doce, mais macio, mais fresco. Pedro está de branco, imbecável. É um homem magriço. Candinha é gorda, de saia rodada, os dois estão armados de chapéu de sol — ele com um de pano azulado e cabo de madreperla como não se usa mais; ela ostenta uma

sombrinha rósea que baila nas suas mãos escuras. Há quarenta e quatro anos que isso se passou! Mas, vejo tudo nitido. Agora um carro nos conduz, sobe conosco ladeiras íngremes. É estaca de repente diante de uma casa atarracada, com muitas janelas dando para a rua, por onde nos embarafustamos. Todos, menos as três crianças e a babá Francisca — que vive perdida, sem consciência, todos os visitantes e os que os acolhiam e festejavam estão mortos; mas como vivem em mim, neste instante! A casa é vasta e povoada de sombras. Parece o interior fresco de um grande poete de barro. Numa espécie de pátio contíguo à sala de jantar, cheio de plantas, deparamos com um grupo de mulheres vestidas de branco fazendo renda de bilro. A principal é uma preta cega, mãe de Candinha. Diante dela uma almofada. Suas mãos trabalham, rápidas, ágeis, seguras. Não vê nada do que faz. Apalpa, porém, com deliciosa minúcia os desenhos.

Agora é o almoço. A mesa muito limpa e bem posta. As comidas tradicionais. Gustavo Schmidt, meu pai, era um homem que entendia de coisas de mesa. Em sua opinião abalizada, merecedora de respeito, nenhum vatapá se comparava ao da casa de Pedro e Candinha. Não havia apenas comida salgada sobre a mesa, mas uma variedade de doces inacreditável, e de frutas e mais frutas. Tantas frutas!

Posso lembrar-me das frases de cortesia dos hospedeiros baianos. Queriam saber notícias de Filozinha, de tia Isolina, de Lulu, de irmã Luísa. Nunca haviam saído de Salvador — Pedro e Candinha — mas conheciam de cor as residências dos amigos cariocas. Pedro era guarda-livros das docas.

Vejo-me, de novo voltando ao *Demerara*. As ruas da velha cidade, as últimas palavras trocadas. Depois os adeuses, os lenços agitados; minha avó recordando sua primeira mocidade, falando de sua irmã Angélica, já morta nessa altura, em cuja casa nascera minha mãe. Minha mãe era baiana. No camarote se acumulavam cestas de frutas, um cheiro de manga impregnava tudo.

★

Reencontro, voltando de 1913, a figura de Godofredo Filho. A voz doce, no olhar toda a sabedoria adquirida nos seus longos colóquios com a cidade única, com suas ruas, os seus habitantes.

LITERATURA E ARTE

JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE

SÓBRE FURTOS OCORRIDOS NO FUTURO MUSEU SANTA ROSA

Carta de Esclarecimentos do Escritor Saldanha Coelho

♦ A RESPEITO de uma nota por nós publicada sobre misteriosos furtos ocorridos no atelier do saudoso Santa Rosa, recebemos a seguinte carta do romancista Saldanha Coelho, que põe em pratos limpos o tormentoso caso, e que transcrevemos com a devida aquiescência do signatário:

«Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 1957.

Prezado J. R. Teixeira Leite.

Li ontem sua coluna da REVISTA DA SEMANA, em circulação, e surpreendi-me com uma nota sobre o «Museu Santa Rosa», em que você, no mesmo diapasão de outras pessoas mal informadas, endossa uma inverdade quando diz: «sabe-se agora que esse mesmo atelier (de Santa Rosa, nas salas do IPASE, à rua Santa Luzia) tem sido saqueado, impunemente, por uns poucos amigos que dispunham da chave da sala, cedida pelo bom Santa».

Meu caro Teixeira Leite, esta afirmativa é absurda. Não houve nenhum «saque» no atelier de Santa Rosa, e o tal «roubo» dos bens de Santa, nos termos em que os jornais o divulgaram, resultou de informações apressadas e sensacionalistas de alguém que ouviu cantar o galo, mas não sabe onde. Vejamos os fatos, para as conclusões:

No dia em que tivemos notícia da morte de Santa Rosa, em Nova Delhi, seu cunhado, Alberto Coutinho, foi imediatamente ao atelier do pintor (salas 702-703 do edifício do IPASE, à rua Santa Luzia 732), e mudou a fechadura das portas, para impedir que qualquer dos muitos amigos de Santa que possuíam chave do atelier ali fossem buscar «souvenirs». Dois ou três dias depois, o sr. Paiva Muniz, presidente do IPASE, atendendo a que Santa Rosa fôra funcionário público e considerando a importância de sua obra, procurou os parentes do morto e propôs-lhes que o IPASE adquirisse seus quadros, livros e discos, para com eles fundar o «Museu Santa Rosa». Esta iniciativa, você sabe, teve a melhor repercussão em todos os círculos intelectuais do país. E é desnecessário dizer-lhe da satisfação com que a família de Santa Rosa acolheu a iniciativa do sr. Paiva Muniz.

Posteriormente, fomos então — sr. Alberto Coutinho, a irmã de Santa Rosa, sr. Paiva Muniz, Willy Levin e eu — ao atelier de Santa Rosa, para que o presidente do IPASE tomasse contato com o acervo e as instalações que constituiriam mais tarde o «Museu Santa Rosa». Nesse dia, cerca de uma semana após a morte do pintor, TODOS OS SEUS BENS ESTAVAM INTACTOS NO ATELIER, não tendo havido até então nenhum «saque», nenhum «roubo» que desfalcasse a coleção dos livros, dos discos e das poucas telas deixadas por Santa Rosa. E como revelei anteriormente, o sr. Alberto Coutinho era a ÚNICA PESSOA QUE POSSUÍA AS NOVAS CHAVES DO ATELIER.

Pois bem, meu caro Teixeira Leite. No dia em que se dirigiu para o atelier a Comissão designada pelo presidente do IPASE para avaliar os bens de Santa (composta de Antônio Bento, Lúcio Rangel e Paulo Mendes Campos), verificou-se que das centenas de discos de 33 e 78 rotações que havia na estante, repito, QUE HAVIA NA ESTANTE NO MOMENTO EM QUE O PRESIDENTE DO IPASE E NÓS VISITAMOS O ATELIER, restavam apenas uns poucos. Quanto aos livros e às telas que lá estavam, estes continuaram nos seus lugares e ninguém os levou. Como você vê, o «ladro» se interessou pelos discos, somente pelos discos. E quem os teria levado? Qual de seus amigos poderia fazê-lo, se não houve nenhum sinal de arrombamento nas portas do atelier, e a única pessoa a possuir a chave das novas fechaduras é pessoa da família de Santa?

A dúvida permanece até hoje, meu caro. Mas nem por isto, pela falta dos discos, houve, por parte do IPASE, menor interesse na organização do Museu. Mesmo porque, as telas de Santa e suas centenas de volumes — que constituem certamente a maior biblioteca particular do país, especializada em livros de arte — continuam sendo avaliadas pela Comissão, para que em breve seja uma realidade o magnífico e oportuno empreendimento cultural do sr. Paiva Muniz.

Pensando ter esclarecido suficientemente o quiproquó, no qual você também de boa fé embarcou, manda-lhe um abraço seu companheiro e admirador — Saldanha Coelho».

UM LIVRO

NOVO ROMANCE DE PERMÍNIO ASFORA

♦ PERMÍNIO ASFORA, romancista piauiense, avêso a grupinhos literários, de nome pouco encontrado em suplementos dominicais, acaba, nesses meados de março, de lançar um novo livro: «Vento Nordeste», a história de um modesto chefe de estação ferroviária, Rafael Monteiro, às voltas com uma greve gorada, e com uma paixão tardia por uma jovem, Angélica (1). Livro incontestavelmente bem escrito, mas que, a nosso ver, deveria ter sido publicado há vinte anos, e não hoje, se quisesse alcançar verdadeiramente êxito literário. Isso porque Permínio Asfora, o qual se filia ao romance nordestino típico — nisso seguindo, embora do ponto de vista gramatical superando-os, o romancista José Lins do Rêgo, e tantos outros — trata, em «Vento Nordeste», de temas a nosso entender já superados, artisticamente — se bem que, do ponto de vista sociológico, ainda atravessados como um espinho na garganta dos brasileiros decentes e que sonham por uma pátria mais justa.

Rafael é o homem indeciso, que não sabe escolher entre uma greve e o amor, e que mesmo no amor, titubeia ante a alternativa de se dedicar ao da esposa de tantos anos, ou ao de Angélica. Herói quotidiano e sem lances de coragem, homem bom, vítima das circunstâncias, termina por se ver transferido para outra estação, como castigo de sua participação ao lado dos grevistas. Isso, após haver conquistado Angélica, caso que vai descrito em pelo menos dois terços do livro, que sofre assim certa quebra de direção. Com efeito, o que tudo indicava viria a ser apenas a narrativa de uma greve na «Great Western», transforma-se de uma hora para outra em um caso simples de adultério, onde aqui e ali, somente, reponta o arcabouço da primitiva história.

Gostamos, em «Vento Nordeste»: da correção gramatical (são escassos os erros, em verdade); da ausência de sectarismo, na exposição de tema facilmente se prestando a tanto; do personagem João Fumaça, o mais humano em nossa opinião; de alguns provérbios deliciosos, citados no decorrer do enredo (aliás, há grande número de provérbios reproduzidos em «Vento Nordeste»); da descrição do medo de Severino, caminhando no escuro a caminho de casa (página 271 e seguintes), e temendo a qualquer momento uma cilada dos capangas do coronel Flávio.

Não gostamos, em «Vento Nordeste»: do bruto palavirão de páginas 42 — no pior estilo «romance nordestino» —, e não por pudicícia da citação de alguns lugares comuns pertencentes ao repertório dos José Lins do Rêgo, tais como Antônio Silvino, seca de 77, etc.; do personagem Lúcio, meio sem função, no romance; do tom geral do volume, literariamente já ultrapassado, como dissemos.

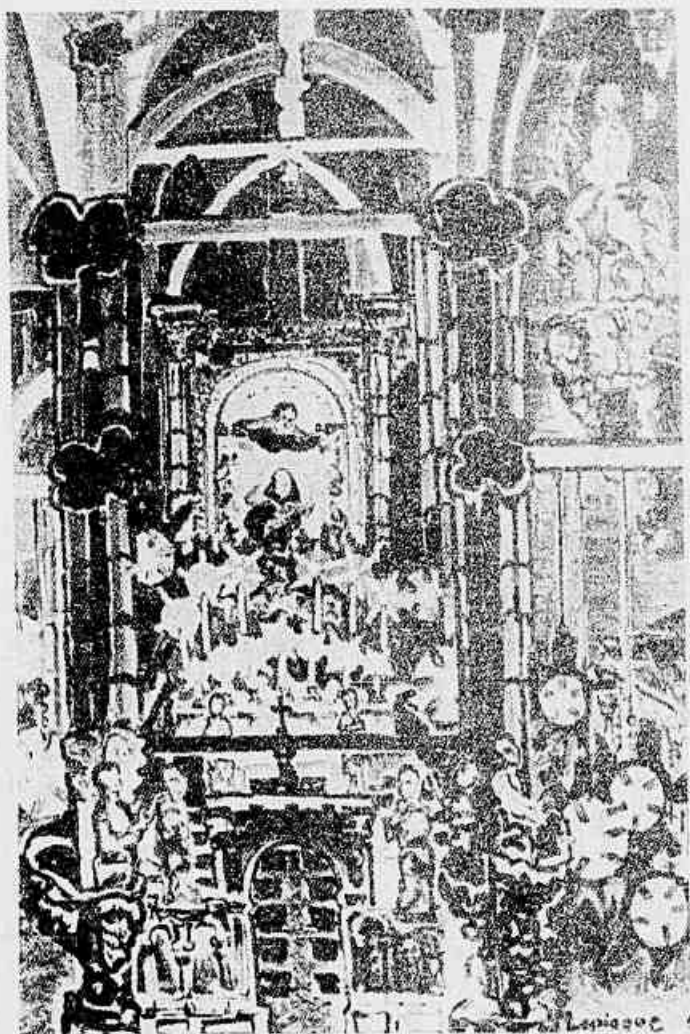
Concluindo, diremos que, das três partes em que se divide o livro (a greve dos ferroviários, o amor de Rafael por Angélica, e o caso de Severino, perseguido pelo coronel ambicioso que lhe quer roubar as terras), essa última é a que nos parece mais interessante, literariamente. Mas não achemos que o novo romance de Permínio Asfora seja um grande livro, porque lhe falta, para tanto, maior atualidade, maior originalidade. Espelhará uma realidade social — ora se espelhe! —, mas do ponto de vista artístico, não lhe encontramos grandes merecimentos. Livro que já nasceu velho, em suma.

(1) — Permínio Asfora — «Vento Nordeste», romance. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1957. 286 páginas. Capa de Poty.



NOTAS E

EDILBERTO COUTINHO, jovem contista pernambucano, estreou com «Onda Boiadeira e Outros Contos», livro que mereceu encômios de Sérgio Milliet e de outros críticos. Agora, a Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco lançará «Contos — II», do jovem escritor. Os contos do novo livro, se perdem em intensidade e força poética para as histórias de «Onda Boiadeira e Outros Contos», ganham em sereno domínio de linguagem, e como conjunto em



ARTES

DEZ ANOS DE PINTURA ITALIANA

TELA DE Lapicque: Interior da Igreja de Frari, em Veneza. Lapicque é hoje considerado um dos melhores artistas da Escola de Paris.

EM MEADOS de janeiro, do porto de Gênova, o «Marco Pólo», da «Sociedade Itália», zarpa com destino à América do Sul, trazendo uma carga de 105 obras de 25 pintores contemporâneos italianos, acondicionada em nove imensos fardos. A mostra — que busca espelhar a arte da pintura, tal como realizada na península desde fins do século, ao dia que corre — foi organizada pelos dirigentes da Bienal de Veneza, em coordenação com o Ministério das Relações Exteriores, e o da Cultura, da Itália. Na seleção das telas tomaram parte nomes como os de Giulio Carlo Argan, Gino Severino, Giuseppe Fuoco, Roberto Longhi e muitos mais. Artistas ilustres, como Carrá, Morandi, Santomaso, Afro, Emilio Vedova, Guttuso, etc., participam da exposição itinerante, que a essa hora já deve estar em Caracas, na Venezuela, e que após percorrerá Bogotá, Lima, Santiago, Buenos Aires, Montevideu e afinal Rio de Janeiro. Dois pintores recentemente desaparecidos, Tosi (1871-1956) e De Pisis (1896-1956) receberam, dos organizadores da grande exposição, homenagem especial. Assim é que inúmeras de suas melhores obras serão apresentadas ao público sul-americano, certamente pela primeira vez.

★

GRANDES NOMES das artes plásticas brasileiras serão apresentados, no próximo mês, em Buenos Aires, em mostra coletiva que há por certo de se revestir de grande brilhantismo.

★

FRANK SCHAEFFER, que expôs em Lima, no Peru, uma série de trabalhos, entre desenhos, gouaches e óleos, deverá estar de regresso ao Rio dentro de poucos dias, radiante com o sucesso alcançado.

★

EM MAIO, em Paris, será realizado o Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos. O Brasil talvez venha a participar.

INFORMAÇÕES

unidade expressional. O livro trará ilustrações de Reynaldo Fonseca, uma das quais acima estampamos. O prefácio é de Gilberto Freire.

O TABLÓIDE literário que «Semanário» apresentava em cada primeira quinta-feira do mês será suprimido, talvez a partir de abril. Em seu lugar, «Semanário» apresentará toda quinta-feira, uma página dedicada a assuntos literários e artísticos,

como sempre orientada por Saldanha Coelho.

ANUNCIA-SE a vinda, ao Brasil, de dois famosos escritores; a francesa Françoise Segal, e Rômulo Gallegos, grande romancista venezuelano, autor de «Donã Barbara», unanimemente considerado uma obra-prima.

A UNESCO distribuirá, em 1957, vinte bolsas de estudo (de 200 a 340 dólares mensais) para escritores, músicos e artistas plásticos de países a ela filiados. As bolsas serão concedidas em outubro.

LIVROS EM DESFILE

Cotação: * ruim; ** medíocre; *** regular; **** bom; ***** muito bom.

NOVAS EDIÇÕES da Livraria Progresso Editôra, de Salvador, Bahia — que nos últimos tempos vem desenvolvendo grande atividade: «A Ciência Misteriosa dos Faraós», do Abade Moreux, em tradução de Freire Gouveia (segunda edição, 231 páginas); «Armazenagem Agro-Industrial (Estados de Desenvolvimento Econômico)», estudo da Comissão de Planejamento do Estado da Bahia (154 páginas); «Diálogos das Grandezas do Brasil» — a obra já clássica hoje atribuída a Ambrósio Fernandes Brandão, com introdução de Capistrano de Abreu e notas de Rodolfo Garcia (368 páginas); afinal, «Serão Habitados os Outros Mundos?», também do Abade Moreux, em tradução de J. P. Figueiredo (segunda edição, 137 páginas).

MONIZ BANDEIRA é sem dúvida um poeta ainda moço, que acaba de editar «Verticais», coletânea de 33 poemas, entre os quais 4 sonetos. Em «Verticais», a poesia quase sempre está ausente; a temática é comum, a técnica, inexpressiva. Falta a Moniz Bandeira maior personalidade poética, contentando-se ele com repetir, banalmente, os poemas maiores do modernismo brasileiro. Talvez, com o tempo, essa personalidade hoje ausente venha a manifestar-se. (Edição particular, 1956. 46 páginas. Cotação: **).

«MITOS & VALORES», de Otávio Melo Alvarenga, é uma coletânea de bons ensaios — alguns, mesmo, ótimos, como o sobre Vinícius de Moraes —, sobre temas literários, filosóficos, etc. Livro que se lê com agrado, e mais do que com agrado, com proveito (Instituto Nacional do Livro, Biblioteca de Divulgação Cultural, volume 7. Rio de Janeiro, 1956. 236 páginas. Cotação: ****).

EM COMEMORAÇÃO ao cinquentenário de Marques Rebêlo, ocorrido em janeiro passado, os «Cadernos Sul» lançaram sua sexta plaquete, o ensaio «Marques Rebêlo, poeta morto», de Hélio Alves de Araújo, onde é lançada alguma luz sobre uma faceta até aqui pouco conhecida do autor de «Marafa» (Cadernos Sul, 6, Florianópolis, 1956, 31 páginas. Cotação: ****).

POESIA

POÉTICA

*Não repetir os mesmos ritmos
nem trilhar marcas de passos;
ser frágil, mas eu mesma.*

*Criar palavras e sons
pelo tempo desprezados;
irreconhecível, mas eu mesma,
cômica ou tôla, mas eu mesma.*

*Eu mesma em rimas
ou livre num mundo de mudanças,
embaçada num verso, ou
transparente e ingênua como sou.*

*Eu mesma despreendida de réguas
num rodizio de sentenças,
tonta numa espiral policêntrica,
clara ou oculta, mas eu mesma.*

YONE DE SA MOTTA (de «Lastro Ternura»)



A MOÇA DA SEMANA

◆ Anilza Leoni — agora uma das mais belas mamães destas plagas — que se prepara para voltar às atividades artísticas com a revista «TV-Para Crer», de Nestor de Holanda e Sérgio para o teatrinho Jardel

DE UMA EXCELENTE CRÔNICA DO EXCELENTE PONGETTI

◆ Não se sabe por quem elaborado, apareceu, nos jornais, um projeto de código de ética para a crítica teatral, logo provocando controvérsias e dividindo águas. Coisas curiosas continham o tal código, sendo de ressaltar o item que estabelece um «respeito» mútuo entre os críticos da ribalta, respeito esse que vai até à proibição de os críticos fazerem quaisquer restrições entre si, o que importaria na criação de mais uma «igrejinha», instituição monopolizadora tão difundida na brasileira terra, com especial destaque nos meios artísticos. Se o código de indiferecível espírito ditatorial, entretanto, foi comentado pelos interessados e não interessados, no silêncio caiu uma esplêndida crônica de Henrique Pongetti, que situou o caso nos seus devidos termos, pôs os pontos nos ii e talvez venha a ser uma pá de cal no assunto. A crônica de Pongetti, pelo seu conteúdo de realidade flagrante — tão real e tão flagrante que a tantos faltou coragem de qualquer referência — deveria ser mimeografada pela associação que reúne os nossos críticos de teatro, colocada em envelopes à maneira de circular e remetida aos seus filiados para um exame de consciência. Após esse exame, sim, os que se sentissem não enquadrados dos diversos tipos de críticos analisados pelo brilhante cronista de «O Show da Cidade» — e muitos sobriariam, sim senhores! — falassem então de código, de ética e outras coisas. Estes, porém, não necessitariam de uma «lei» de ética nem se sujeitariam a um cerceamento de opinião, atados que não estão a compromissos com empresas teatrais e não são vítimas de uma ignorância moleca e perniciosa. Diz Pongetti — e é mesmo — que «há críticos que ferem tôdas as normas condenando por atacado, em poucas linhas, sem se exporem, espetáculos dignos pelo menos de respeito ao seu nível literário e ao nome dos seus autores». Mister Eco conhece muitos! «É verdade também — continua Pongetti — que alguns críticos se empregam como reclamistas e «public-relations» de empresas teatrais e que a subordinação econômica aliada às deficiências intelectuais, produz injustiças em maior escala e põe mais em relêvo a sua nocividade». Quantos, Pongetti, quantos! A «noite vadia» está cheia deles e atendem pelo nome de picadinho-relations, embora fantasiado de cronista. Mister Eco leu, não faz tempo, uma crítica sobre o «Otelo», assinada por um menino imberbe e sensaborão. Pois bem: o menino, entre baboseiras de arrepiar, meteu a ripa em Shakespeare! Pongetti deve ter lido. E comenta: «Outro tipo de crítico é o que veio de Vigário Geral com todos os seus problemas vitais em efervescência e entra no «hall» do teatro pronto a cumprir seu dever, seu trágico dever. Sua crônica no dia seguinte será vazia, árida, inútil. Não orientou ninguém, nem desorientou. Encheu um espaço que no jornal só a censura tem o direito de fazer aparecer vazio». De Vigário Geral, eis a questão...

Mister Eco nunca foi crítico de teatro nem jamais pretendeu sê-lo. De tamanha importância, porém, é a crônica de Henrique Pongetti, que não resistiu em fazer um comentário. E o fez para os que têm a memória fraca e fogem da verdade, como Anita Ekberg fugiu dos safanões de Anthony Steel. Aliás, como diz a Tiana dos quitutes famosos, eles sofrem muito de «magnésia».

Consumação mínima

O «show» da «boite» Night and Day, devidamente recauchutado com a saída do «ballet» de Ana Itelman, ganhou maior interesse com a inclusão de nu artístico. Luana, cujo cenário é uma beleza como sabeis, em grande estilo, descendo no «disco-voador».

Segundo Nestor de Holanda, Brício de Abreu está «gelando». Fazei as vossas mandingas. Pé de pato, mangalô, sai-p'ra-lá.

O Carnaval não acabou. Continua tôdas as noites na «boite» Arpège, sob o comando de Fernando Barreto e animação das «crooners» Maria Helena, Mabel Serrano e Célia Caputo, essa estreante e de pescocinho duro.

Inaugurado finalmente o «Domínio» na rua Carvalho de Mendonça, de propriedade do nipônico Rio (o nome é esse mesmo) Toyotake, Toyotake que, segundo o poliglota Everardo Guilhon, quer dizer «de Janeiro»...

Mais dois teatros (teatrinhos devem ser) prometidos para breve na orla marítima. Aquê que já foi o íntimo de Aimée, no Leme, e outro na Avenida Copacabana, esquina de Raimundo Corrêa. Que venham.

«Mon Caprice», que substitui o Cangaceiro, embora o bom serviço e a boa qualidade da bebida, tem uma luz vermelha que deixa as senhoras em estado de manhã-cedo...

Rose Rondelli fará a sua estréia na comédia com a peça de Vão Gogo «Por que me Ulano do meu País», ansiosamente esperada. No elenco, Armando Couto, Ludi Veloso e Josef Guerreiro.

Enchentes no «Sacha's», Murili-

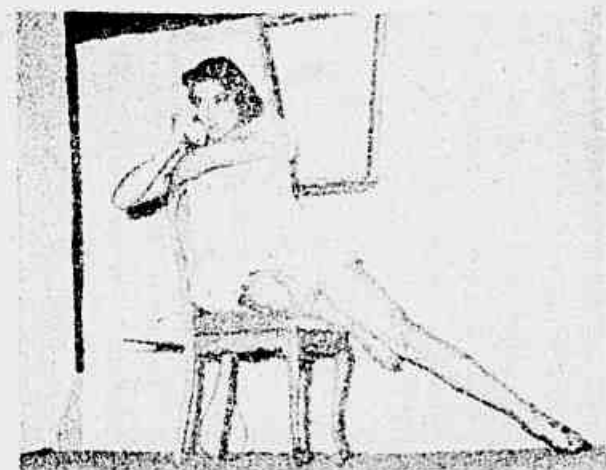
nho de Almeida de volta, «rock'n roll» com George Green e os bons coquetéis de Aristides.

A «bomba» é o próprio. Antes e depois da meia-noite. Vai acabar estourando...

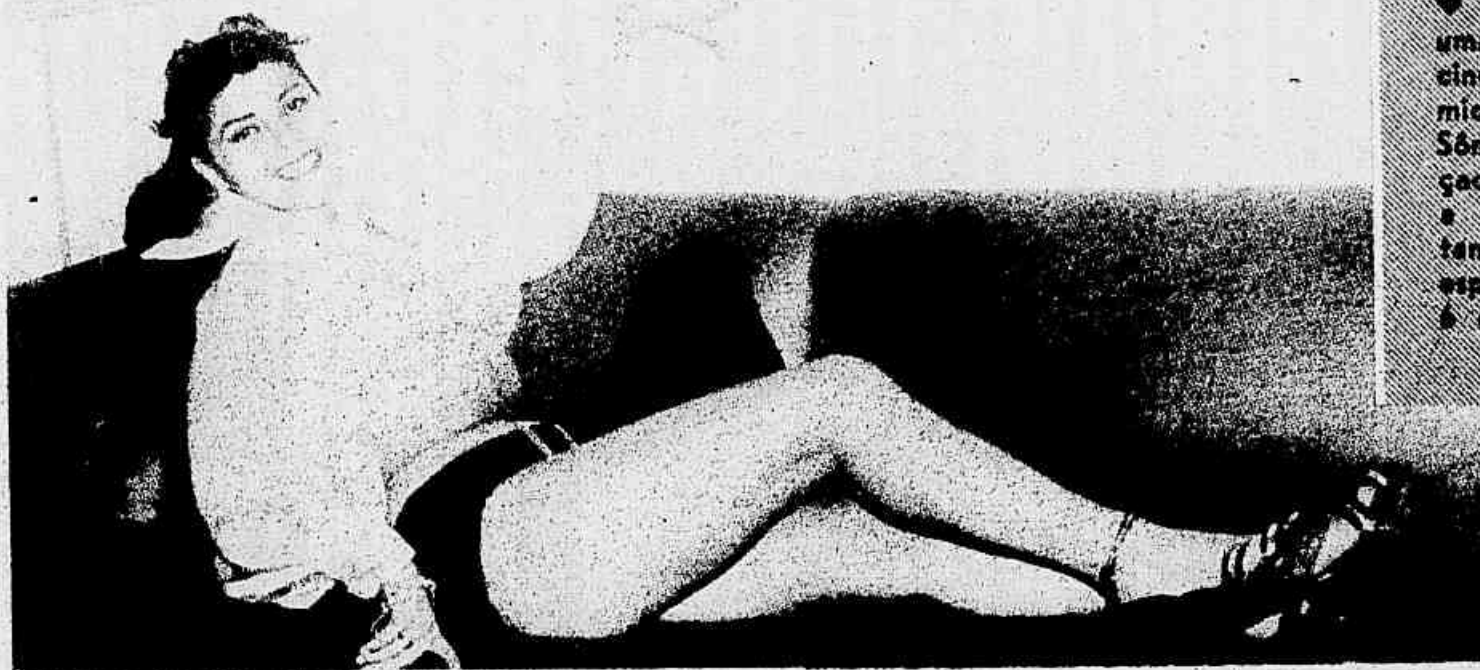
Para desespero das aguerridas hostes dos picadinhos-relations, Mister Eco está circulando diariamente na sexta página do «Diário Carioca». Fazei a vossa cultura!



VILMA PALMER
Rumo a ribalta



EDITE MOREL
Rumo ao lar



♦ **SONINHA É SUCESSO** — Mesmo aquelas que não respondem uma injustificável (Mister Eco escreveu injustificável?) ajeita pelo cinema indígena, não deixam de proclamar — se bem que economicamente quando se trata de elogio — o bom desempenho de Sonia Mamede na película «Garotas e Samba», recentemente lançada em teatros cariocas e que, em São Paulo, atravessou semanas e provocou filas intermináveis. Mister Eco, em andanças paulitanas, sentiu isso de perto em plena Av. São João, quando o espectador recém-saído do cinema comentava: «Sônia Mamede é a que se salva; aliás, ela é todo o filme. É isto é sucesso!»

A ARARA TOPOU

... a nova Diretoria, eleita e empossada na Casa dos Artistas, tendo à frente o ator Delorges Caminha, que muito poderá fazer pela laboriosa classe. Diretoria composta em seu todo de «empregados», sem nenhum empresário camuflado no meio para atrapalhar, tem um grande programa a cumprir, zelando pelo Retiro dos Artistas em Jacarepaguá — obra meritória, sem dúvida — mas não se valendo dele para cortina de fumaça de tanta coisa prometida e irrealizada, como de costume. Ao Delorges e aos seus colegas de Diretoria, o voto de confiança da Arara, uma vedeta como sabeis.



★ *Debandada na "boite" Fiesta. O "maître" Costa e toda a sua brigada de garçons estarão na reabertura da Bèguin, sob as ordens de Eduardo Tapajós. Agnelo Martins quer comprar a Fiesta. Ofereceu quatro milhões. Querem sete.*

A ARARA CHUTOU

... aquela carta encomendada e temerária de Grande Otelo, procurando contradizer uma reportagem do seu colega (da Arara, naturalmente) de redação, o Antônio Carlos Nogueira. E, quando Otelo generaliza atingindo todos os empresários e diz textualmente: «Todos eles ficam de olho nas minhas quedas sentimentais para, aproveitando-se do impacto moral que elas, as quedas, me provocam, me desvalorizar, com as alegações de que vão correr o risco, vão me dar mais uma oportunidade etc.», a bichinha notável — inteligente como que — viu logo a coação irresistível.



FERNANDO LOBO — jornalista e produtor — responde PÃO, PÃO — QUEIJO, QUEIJO

«ANTÔNIO MARIA CHEGOU A SER UM IRMÃO... DEPOIS, UM PRIMO EM SEGUNDO GRAU. AGORA, ELE É «QUATROCENTÃO» E... QUEM SOU EU?»

Pão — «Uma Viúva Muito Alegre», «show» que se projeta estrear na «boite» «Night and Day», é de sua autoria?

QUEIJO — Está aí Carlos Machado que não me deixa mentir!

Pão — Como e quando lhe veio a idéia de trazer a «Viúva» de Franz Lehar para os morros cariocas?

QUEIJO — «Porgy and Bess», «Carmen Jones» e «Orfeu da Conceição» estavam programados. Essa «viúva» estava dando sôpa eu «pá» abri a boca, contei p'ro Machado e ele logo casou com ela.

Pão — Você foi consultado sobre a encenação desse «show»?

QUEIJO — Não posso ser «consultado» porque não tenho falas para o sr. Machado e, quando ele está com a «situação», não é de falar muito. Depois, ele fica bonzinho.

Pão — Pretende fazer valer os seus direitos?

QUEIJO — Recorrer à lei? Mas a «lei» no Brasil é de «araque». Machado é amigo de Chatô, Chatô é embaixador e é amigo da lei. Quem é que não está com a lei? Eu, claro...

Pão — Você tem testemunha de que a idéia do «show» é sua?

QUEIJO — A grande testemunha (surda e muda) é o próprio Carlos Machado. Depois, tem Gisela, Sacha, Grande Otelo, Hélio Colonna, mas ninguém vai querer ficar ao meu lado.

Pão — Você acha que Carlos Machado vai escrever o «show» sozinho?

QUEIJO — Seria uma estréia. Desde que começou a fazer espetáculos, eles têm sido escritos por Acioli Neto, Silveira Sampaio, Paulo Soledade, Antônio Maria, Francisco Anísio, Meira Guimarães, Haroldo Barbosa e por mim. A «viúva» está tão mastigada que ele é capaz de fazer sozinho. Mas, seria a primeira vez, pois Machado tem o cacoete de assumir a paternidade de tudo que não é dele (Vide a crônica do «Diário da Noite» que ele assina e se identifica com um retrato de frente; só falta o de perfil...)

Pão — Quais os motivos que o afastaram da crônica noturna?

QUEIJO — A noite tem dois caminhos para o cronista: os que comem e os que não comem no prato do dr. Machado. Esses últimos geralmente perdem o emprego. Ele costuma chamar «a minha equipe de jornalistas». Equipe, no seu

dizer, são os que OBRIGATORIAMENTE O ELOGIAM e NOTURNAMENTE se empanturram do picadinho que a casa oferece.

Pão — E da produção no chamado teatro da madrugada?

QUEIJO — Todas as vezes que escrevi para o teatro da madrugada, só encontrei de mando verdadeiros «cabeças de bagre». O bom gosto que se atribui a Machado vem de Gisela (observe como o homem se veste) e, saindo deste esquema, o que sobrava para mim era o Lanthos, o Caetano e dois ou três pára-quedistas.

Pão — Vem das ruas do Pernambuquinho Imortal a sua afeição pelo Antônio Maria?

QUEIJO — Antônio Maria chegou a ser um irmão... Depois, um primo em segundo grau. Agora, ele é «quatrocentão» e... quem sou eu?

Pão — Aquela história das vírgulas do «Ninguém Me Ama» é verdade?

QUEIJO — «Ninguém Me Ama» nunca foi meu... mas só fica bonito dito por mim...

Pão — A crônica radiofônica lhe traz aborrecimentos?

QUEIJO — Gosto de escrever sobre rádio. Sou dele, de há muito, e nele quero ficar. A não ser que o Pires do Rio ou o Barreto Pinto me obriguem a um escritório comercial na Europa em troca do meu rendoso pôsto...

Pão — Em matéria de uísque, onde se bobe «do bom» dentro da noite?

QUEIJO — Não se bebe. Uísque bom era aquele de meio-dólar...

Pão — Você teria a devida coragem para abrir uma «boite»?

QUEIJO — Sou um homem cheio de amigos e sem nenhum propósito de fazer as pazes com os inimigos, por tão pouco. Tenho medo de enriquecer e acordar um dos dez mais elegantes.

Pão — Você acha que Machado está rico?

QUEIJO — Ele mesmo espalha isso. Rico de dinheiro deve estar, mas, na vida de aventura que tem vivido, não faturou um amigo sequer ou mesmo uma amiga. Logo, é um pobre diabo.

Pão — Chega?

QUEIJO — Chega e nunca mais me fale em noite, Mister Eco. Ela me lembra logo o Lúcio Schiller e os «noivos» das variadas «girls». Vamos botar essa gente para dormir cedo e trabalhar, que faz bem.



CINEMA

Por ELY AZEREDO



O General Bounine de Yul Brynner é um Pigmalião sem escrúpulos regenerado pelo amor de Galateia — Anastasia. A trama vive inicialmente de um paradoxo: o Bem, para triunfar, tem de trilhar o mesmo caminho do Mal

VITÓRIA DE LILLI PALMER NA GUERRA DAS "ANASTASIAS"

MELHOR ESPETÁCULO A VERSÃO AMERICANA. EMBORA MENOS IMPRESSIONANTE, A ANASTASIA DE INGRID BERMAN ★ O DUELO MUNDIAL ENTRE O FILME ALEMÃO E O AMERICANO TEVE MAIS UM «ROUND» NO RIO

A
"

Lilli Palmer, natural de Viena, ganhou projecção no cinema inglês, depois passou a Hollywood. «Anastasia» é seu terceiro filme alemão e está entre suas melhores produções.

CINEMA

(Continuação)



Lilli Palmer põe toda sua sensibilidade em uma «Anastasia» de pretensões documentárias superficiais. Da montanha de documentos sobre o caso, foram extraídos os favoráveis à sobrevivência da lenda

PROSSEGUINDO numa das mais curiosas competições da História do Cinema, as duas versões do caso **Anastasia** — a alemã e a americana — surgiram simultaneamente nos cinemas cariocas. A americana teve pré-estreia segundo o figurino hollywoodiano, com multidão de fãs à porta, polícia e presença de artistas (a delegação do Festival de Punta del Este), inclusive o «astro» (Yul Brynner) e o diretor (Anatole Litvak) do filme.

A versão alemã, sem o fausto, o «Cinemascope» e o colorido da rival, também não tinha em Lilli Palmer um «cartaz» à altura de Ingrid Bergman, que acabava de receber da prestigiosa crítica novaiorquina o título de «melhor atriz de 1956». Ignorada no Brasil até pela imprensa especializada, a «Anastasia» germânica esperava sorrateiramente, nas prateleiras da distribuidora França Filmes, o momento adequado para lançamento. E sua estratégia, naturalmente, seria estreitar em competição com a versão Litvak, forçando o paralelo e aproveitando a publicidade desta.

Ciente disso, a empresa americana, Fox, apressou o lançamento de seu produto, conseguindo apenas uma dianteira de quatro dias sobre a França Filmes. Para aumentar a confusão, a França Filmes estivera antes na Censura e registrara o título «Anastasia», que é o original da fita americana, aqui traduzida para «Anastácia» ou «Anastácia, a Princesa Esquecida». A alemã chamava-se originalmente «Anastasia, Die Letzte Zarentochter» (A Última Filha do Czar). Se o espectador, qualquer que seja sua preferência, comer gato por lebre, o grande culpado será o Serviço de Censura.

A PRINCESA ESQUECIDA — Como «Mayerling», a trágica história de amor do arquiduque Rodolfo da Áustria com a baronesa Maria Vetsera (várias vezes filmada, inclusive pelo próprio Litvak, com Charles Boyer e Danielle Darrieux), o mistério Anastasia tem todas as características para conquistar o gosto do público. E já o fizera durante mais de trinta anos, em reportagens e, recentemente, na peça de Marcelle Maurette — ponto de partida do filme americano. Em princípio de fevereiro, a justiça alemã (Berlim Ocidental) opinou contra as pretensões da mulher conhecida como Anna Anderson, que se dizia a Grã-Duquesa Anastasia Nikolaevna Romanova, filha do último Czar da Rússia. Mas será difícil extirpar da imaginação popular uma dúvida tão romântica alimentada por três décadas.

Na noite de 17 de julho de 1918, em um porão de Ekaterinburg (agora Sverdlovsk), o Czar, a Czarina, seus cinco filhos, o médico e dois criados da família foram fuzilados sem aviso prévio, segundo registra a História, ou, pelo menos, a História do lado de cá da Cortina de Ferro. Soldados alemães que foram prisioneiros dos russos, trouxeram à pátria rumores de que um membro da família do Czar escapara à morte. Em 1920, uma quase-suicida retirada das águas de um canal de Berlim, identificou-se verbalmente como Anastasia. Após dois anos num sanatório de doentes mentais, a candidata a Anastasia, que também usava o nome Anna

Anderson, já sabia contar uma versão pouco convincente de sua fuga do porão de Ekaterinburg, semi-morta, auxiliada por dois irmãos chamados Tchaikowsky, que nunca apareceram para confirmar a história. Anna teria casado com um deles na Rumânia e, após sua morte, viera para a Alemanha.

LENDA SEM BASE — Recentemente desmentiu-se a versão de que o Czar tinha, em conta secreta, no Banco da Inglaterra, cerca de 20 milhões de rublos, depositados por um amigo antes da revolução. Mas, segundo os aspectos melodramáticos do caso Anastasia, os parentes no estrangeiro negaram reconhecimento à «sobrevivente» porque acreditavam nessa fortuna. Julgavam que: (1) Anna Anderson era instrumento consciente ou (por insanidade mental) inconsciente de emigrados russos que ambicionavam os 20 milhões; ou (2) cobrindo de descrédito Anastasia poderiam-se apossar da fortuna.

Antes da guerra, os Hesse (parentes da czarina) solicitaram à justiça alemã sua confirmação como herdeiros da família Romanov. Anna Anderson, que continuava dividindo sua vida entre a luta pelo reconhecimento e a luta pela saúde física e mental (em inúmeros hospitais e sanatórios), moveu uma ação contra a Casa de Hesse pela herança. Os processos arrastaram-se com interrupções frequentes pelas gavetas da justiça. Só em fevereiro último, baseada em quase uma tonelada de documentos e em estudos de quatro antropologistas sobre a conformação das orelhas, nariz e faces de Anna Anderson (em comparação com fotografias de Anastasia na corte do Czar), a 83ª Câmara Cível considerou a melodramática história uma lenda sem base.

O DIREITO DE FILMAR — Cinematograficamente, não consideramos encerrado o caso. Apesar de suas qualidades, as versões americana e alemã não esgotam as possibilidades da história. Como crítico, Anna Anderson não nos interessa. (Tem razão Helen Hayes, a Imperatriz do filme de Litvak, ao observar que se fôssemos tão ruins a pontaria dos pelotões de fuzilamento bolchevistas, a revolução teria fracassado). Mas uma Anastasia legendária, procurando afirmar sua identidade em meio ao cipal de interesses mesquinhos e preconceitos pré-históricos de nobres sem nobreza e alheios à nova realidade, é uma personagem de tragédia. O filme que mais se aproximou desse filão foi o de Berlim, dirigido por Falk Harnack, com Lilli Palmer no papel-título.

Parece-nos **sectária** a afirmativa de Anatole Litvak em entrevista que publicamos na última REVISTA DA SEMANA: que a intenção das empresas Alfu-Corona-Hansa era fazer chantagem com a 20th Century Fox. Por várias razões: (1) **picaretas** não costumam andar em companhia de gente boa como os atores Lilli Palmer, Dorothea Wieck e o escritor Herbert Reinecker, responsável pelo «script» de «Canaris»; (2) o filme apesar de certas fraquezas de direção, tem qualidade, não é obra de improviso; (3) o título estava registrado com as autoridades alemãs desde dezembro de 1955, isto é, seis meses antes da filmagem americana, quando, parece-nos, o projeto da Fox ainda não era conhecido; (4)

pelos
meiro
Alfu-
nião
seia-
«Der

RE
para
mães
de p
em o
mães
os fa

Su
ao q
cário
expe
o aff
estra
episó
difici
Unid
to en
terra

A
tânica
com
(The
após
perca
uma
Lilli,
cisan

É
de «
equi
man
cesa

RE
tácio
et le
verso
dam
que
das
extro

A
morr
desa
exce
do p
zaçã
Em
med
cam
Prin
nem
men
cons

TO
xima
graf
histó
tirou
cs d
«Ma
Está
ingr
dran
fica

A
nina
a ri
no a
as a
no
(Ak)

O
man
tasia
sua
vári
lhor
reir
A m
em

pelos dados à nossa disposição, as duas filmagens começaram na primeira semana de junho de 1956; (5) era muito natural o interesse de Alfu-Corona-Hansa pelo caso Anastasia, que vinha apaixonando a opinião pública da Alemanha mais que qualquer outra. Sua versão baseia-se principalmente na série de reportagens publicadas pela revista «Der Stern», uma das melhores do país.

RECONSTITUIÇÃO COM «PARTI-PRIS» — Trabalhando principalmente para o público europeu, familiarizado com o caso, os produtores alemães fizeram uma reconstituição minuciosa de ambientes e personagens de periferia. Mas a austeridade documentária que a publicidade apregoa em oposição à origem teatral do filme americano é superficial. Os alemães foram parciais por omissão: selecionaram na vasta documentação os fatos mais favoráveis à autenticidade da candidata a Anastasia.

Surgem algumas dúvidas — como o desaparecimento (simultâneo ao quase-suicídio da «desconhecida») de uma jovem polonesa de precário equilíbrio mental —, mas o filme só as introduz para efeito de expectativa ou para ampliar a **via crucis** da protagonista. Conhecemos o **affaire** apenas através de notas, comentários e fotos de publicações estrangeiras. Assim, não podemos atestar a veracidade de todos os episódios. Porém, no argumento de Reinecker, inteligente e sóbrio, é difícil encontrar inverossimilhança. Mesmo quando ao visitar os Estados Unidos em 1928, a filha do Czar, iludida por negociatas, assina documento entregando sua anunciada herança em depósito no Banco da Inglaterra a uma Anastasia Nikolaevna Corporation...

A GRANDE LILLI — Lilli Palmer, atriz vienense de formação britânica, é mais conhecida entre nós por seus filmes americanos alguns com o marido, Rex Harrison. A excelente dupla de «Ironia do Destino» (**The Rake's Progress**) e «O Leito Nupcial» dissolveu-se artisticamente após a separação doméstica, com o que a Broadway ganhou um inesperado talento de comédia musical (**My Fair Lady**) e o cinema alemão uma grande atriz. «Anastasia» é o terceiro trabalho da nova carreira de Lilli, iniciada com «Fogos de Artifício» e «Demônio em Seda», que precisamos ver com urgência.

É Lilli Palmer, grande mulher, grande atriz, quem estabelece o **mood** de «Anastasia». O diretor vem em segundo plano, à frente de eficiente equipe que inclui Ivan Desny (como o filho do médico do Czar, cujo romance com «Anastasia» é discreto), e a ótima Dorothea Wieck (Princesa Olga).

RESSURREIÇÃO DE INGRID — Ingrid Bergman **ressuscita** em «Anastácia, a Princesa Esquecida». Para nós, que ainda não vimos seu «Elena et les Hommes», realizado por Renoir, este é o prazer número um da versão «Cinemascope». Uma interpretação para «Oscar»? Não concordamos. O papel não ajuda. Nada ajuda na peça de Marcelle Maurette, que custou à Fox um preço declarado de meio milhão. O filme, uma das grandes bilheterias do ano, vale exclusivamente pelo que Litvak extraiu de uma grande equipe.

A filmagem de «Anastasia» se impunha pelas perspectivas comerciais, mormente como veículo para o retorno de Ingrid Bergman, praticamente desaparecida por seis anos, uma vez que seus filmes italianos, com exceção de «Strômboli» (financiado pela RKO), não atingiram a massa do público. Para a felicidade da «estrêla» e dos espectadores, a realização coube a um cineasta com a versatilidade e a autonomia de Litvak. Em mãos menos hábeis, o resultado seria insuportável. Ante uma peça medíocre e uma documentação original dúbia, Litvak optou pelo terceiro caminho: a sua Anastasia. Não decepcionou o grande público do gênero Princesa & Plebeu, não levou muito a sério a peça de Marcellé Maurette nem a realidade, extraindo desta apenas algumas idéias para o argumento que o teatrólogo Arthur Laurents (após adaptação de Guy Bolton) construiu sem grande imaginação.

TOUR-DE-FORCE — Litvak foi sobretudo um **showman**. Extraiu o máximo das possibilidades espetaculares do assunto, dos atores, da cenografia — tudo prejudicado pela natureza arraigadamente sub-teatral da história. Da sofisticação, da própria gratuidade de diálogos e atitudes tirou elementos para estabelecer um clima romântico que oscila entre os dramas de época de Max Ophüls («Carta de uma Desconhecida», «Madame De...») e a extinta comédia «vienense» de origem na opereta. Está mais à vontade e mais cinematográfico nas cenas de humor — ingrediente que ele procura disseminar ao máximo. Só quando o melodrama domina inteiramente, a fita perde contato com o bom gosto e fica na dependência exclusiva de atores em **tour-de-force**.

A melhor cena: o diálogo noturno entre Anastasia e o General Bounine (Brynner), quando ela, sob efeito da champanhe, tenta derreter a rigidez profissional do conspirador, e a câmera, em **suspense erótico** no estilo do mestre Lubitsch, focaliza a sala em penumbra que separa as duas alcovas. A admiração de Litvak por Lubitsch também é visível no estilo Ruritânia dos emigrados russos, particularmente em Chernov (Akim Tamiroff) e Petrovin (Sacha Pitoeff).

O melhor intérprete: Helen Hayes (a velha Imperatriz). Ingrid Bergman perde por **meio corpo** para Lilli Palmer, lutando contra uma Anastasia muito inferior à do filme alemão. Yul Brynner faz valer sobretudo sua personalidade e sua presença de ator de teatro. Martita Hunt rouba várias cenas para a Baronesa von Livenbaum, figurando entre os melhores coadjuvantes ao lado de outro inglês, Felix Aylmer (o ex-camareiro do Czar), Tamiroff e o sempre correto Ivan Desny (Príncipe Paul). A música de Alfred Newman é uma intrusa bonita que recebemos até em momentos impróprios.

Homens que trabalham

Se V. S. sofre de prisão de ventre e esqueceu-se de tomar **Ventre-Livre** ontem à noite, antes de dormir, não esqueça hoje.

Tome uma dose de **Ventre-Livre** hoje à noite, antes de ir para a cama, que amanhã passará o dia bem e trabalhará com prazer.

Os homens ativos, que trabalham com afinco, devem cuidar especialmente da saúde, pois precisam ter o estômago, os intestinos, o fígado, enfim todos os órgãos, e também os nervos, em bom estado, para conservar as suas energias.

A prisão de ventre intoxica o organismo, abate as forças e, por conseguinte, diminui a capacidade de trabalho.

Combata a prisão de ventre sem perda de tempo, usando **Ventre-Livre**.

Ventre-Livre tonifica as camadas musculares do estômago e intestinos e limpa os das substâncias infectadas e fermentações tóxicas, verdadeiros venenos, que perturbam as funções de todos os órgãos e causam tão grande mal aos nervos.

Tome **Ventre-Livre** hoje, à noite.

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

Tenha sempre em casa
alguns vidros de **Ventre-Livre**

O LIVRE ARBITRÍO

Transcrito do livro «RACIONALISMO CRISTÃO»

O livre arbítrio é uma faculdade do espírito controlada pelo raciocínio. Quanto maior o poder de raciocinar, tanto mais fácil se tornará o governo do livre arbítrio. Livre arbítrio quer dizer liberdade plena de ação, seja para o mal, seja para o bem, entendendo-se por mal ou por bem o ato que contraria ou favorece o curso normal da evolução.

Trabalhar com dedicação para que a evolução espiritual se processe em todo instante da Vida, no setor de influência de cada ser, é um bem; do mesmo modo, realizar o indivíduo qualquer movimento, por atos ou pensamentos, que redunde na retenção do progresso, num sentido geral, é um mal.

O livre arbítrio é uma faculdade que surge quando a partícula inteligente ingressa na fase que lhe dá o cunho característico dos seres racionais. Nesta fase, o espírito tem a consciência do bem e do mal. Mesmo que desconheça a Verdade sobre as leis da evolução, há, no seu íntimo, um estado consciente, sensível à apreciação do bem e do mal.

A desgraça, a miséria e o sofrimento, decorrentes do mau uso do livre arbítrio, se revelam como consequência da curta capacidade de raciocinar, da adoção de vícios e maus costumes e do cultivo de sentimentos inferiores, dos quais sobressai o da perversidade.

A curta capacidade de raciocinar, sem o concurso da imaginação, não dá margem a que possa a criatura, de índole dócil, praticar delitos que a tornem perigosa; raciocínio escasso significa estreitos horizontes, reduzido campo de ação, possibilidades acanhadas e, conseqüentemente, poucas probabilidades de empreendimentos elevados.

É comum predispor-se o ser à assimilação de vícios e maus costumes, na repetição prolongada das suas reencarnações. Sob a influência dessas perniciosas aquisições contrárias à saúde e à moral, o espírito se deixa saturar de vibrações acordes às paixões carnis; não faz trabalhar o raciocínio dentro das normas do bom senso, do equilíbrio e da prudência, consentindo, deste modo, o vaguear descontrolado do livre arbítrio, como um barco solto ao léu das ondas, que tanto pode ir de encontro à rocha ou ser atirado à praia, como naufragar.

A criatura sempre que estiver sob o domínio dos vícios e maus costumes estará, concomitantemente, desperdiçando as suas encarnações, desprezando a preciosa faculdade raciocinante e assim perdendo excelentes ocasiões de beneficiar-se com a orientação acertada que poderia imprimir ao seu livre arbítrio.

O maior prejuízo, porém, que o espírito pode causar a si mesmo, no interesse da sua evolução, é o de praticar o mal consciente, intencional, perversamente. Almas deste sentimento só podem ser despertadas pela dor — dor profunda e atroz.

Usar do livre arbítrio, prevalecendo-se dessa liberdade para destruir a relativa felicidade alheia, para injuriar, intrigar, escarnecer, caluniar e desmoralizar o seu semelhante é crime da mais alta condenação. A justiça terrena é falha no julgamento de tais crimes, mas a justiça espiritual é infalível na aplicação dos recursos reformadores, e não há qualquer meio possível de esquivar-se alguém de colhê-lo, no devido tempo, os frutos daquilo que tiver semeado.

Esta justiça espiritual não é imposta ao delinqüente por um tribunal astral, mas pela consciência do próprio réu, que bem claro vê as suas mazelas, uma vez livre da influência terrena, num ambiente em que não chegam as vibrações do ódio, da malquerença, da vingança, etc.

Nesta situação o remorso queima como o fogo, o arrependimento se exterioriza com a intensidade proporcional à extensão do mal praticado e nessa ocasião sentido na sua verdadeira profundidade, e assim, nesse estado, é que o espírito anseia por nova encarnação, desejando sofrer para sentir, se possível, aquilo que causou a outrem, com a disposição sincera de nunca mais reincidir na falha que tanto o deprimiu.

É a queimadura de alto grau produzida pelo atrito da luta interna, íntima, entre a consciência do mal praticado e a consciência do dever, que faz trabalhar o raciocínio, exercitando-o e desenvolvendo-o.

A perversidade é uma demonstração de inferioridade espiritual. Significa que o espírito não está ainda convenientemente polido; que as suas vibrações obedecem a um ritmo comum àquele que se manifesta nas camadas espirituais de desenvolvimento incipiente da categoria humana; o livre arbítrio, nestas circunstâncias, tem que refletir, no desacerto da orientação, as imperfeições do próprio espírito.

O espírito é luz e como tal brilha com a intensidade relativa ao seu grau de progresso. Intensidade de luz quer dizer intensidade da vibração; quanto maior for esta intensidade, maior será o conhecimento da Vida, mais evidente a ação dinâmica espiritual, mais seguro será o controle dos atos humanos, mais apurado o emprego do livre arbítrio.

(Continua no próximo número)

Hã
sr. Vê
e não
estra
preci
apure
Pezzi
conse
o qu

A
Negi
Prefe
Muni

C
quin
talm
inco
ficio
prim
tanh

N
sido
G
dou

♦
dia
no 9
(dou
lesc
tanc
cha
inic
que
do
hoi
con
Dos
grã
Val
Isra
fôr
câv
o L
rias
esti



HELIO FERNANDES apresenta

FATOS E RUMORES

Há uma terrível barreira isolando o sr. Juscelino Kubitschek. O sr. Vasco Pezzi, durante 15 dias procurou se avistar com o Presidente e não conseguiu. E note-se que ele exercia um cargo de destaque no estrangeiro, trazia uma carta de 2 amigos do Presidente, além de precisar relatar fatos que o próprio Presidente lhe recomendara que apurasse. Não conseguindo falar ao Presidente Juscelino, o sr. Vasco Pezzi entregou a carta ao sr. Vítor Nunes Leal. Mas nem assim ela conseguiu chegar ao conhecimento do Presidente. Pelo menos foi o que o sr. Juscelino declarou a um amigo do sr. Vasco Pezzi.

★

A campanha do Deputado Sérgio de Magalhães contra o Prefeito Negrão de Lima tem uma explicação. O Deputado queria que o Prefeito nomeasse um seu cunhado para a Presidência do Montepio Municipal, mas o sr. Negrão de Lima não pôde atendê-lo.

★

Começou a ser construído em Copacabana (Hilário Gouveia esquina de N. S. de Copacabana) o primeiro edifício (12 andares) totalmente dotado de ar condicionado. Orlando Macedo, autor da incorporação, anuncia outras iniciativas do mesmo gênero. Esse edifício (Broadway), para residências e consultórios, será portanto o primeiro no Rio de Janeiro a gozar de um verdadeiro clima de montanha.

★

Nas últimas vezes em que foi atacado na Câmara o governo tem sido defendido «valentemente» por José Gomes Talarico.

★

Golpe de Ademar, 48 horas antes da eleição em São Paulo. Mandou distribuir (nos bairros operários), volantes com a seguinte ins-

crição: «Carlos Lacerda, Tenório Cavalcanti e Júlio Mesquita Filho, pedem teu voto para Prestes Maia.»

★

Medida ilegal, drástica e imbecil essa de rebocar os carros que trafegam sem iluminação. Na estrada a providência ainda se justifica. Mas em plena cidade? E por que a inspetoria não procura resolver os problemas mais importantes do tráfego? Afinal depois de tantos e tão repetidos fracassos, concentrar a atenção apenas na lanterninha dos carros, nos parece profundamente ridículo.

★

O Juiz Souza Neto, Presidente do Tribunal do Júri a quem foi distribuído o processo sobre a morte do Gen. Correia Lima, chamou à sua residência o delegado Bastos Ribeiro, que presidiu o inquérito. Conversaram 2 horas e 35 minutos. O delegado não declarou taxativamente ao Juiz que houve crime. Mas afirmou que as hipóteses de acidente e de suicídio são impossíveis de sustentar.

★

Para ser escolhido líder da UDN, Carlos Lacerda, (entre outras condições) teve que concordar com esta: basear sua liderança no «slogan» oposição e legalidade. Disso foi dado conhecimento prévio ao sr. Juscelino Kubitschek, por intermédio do general Nelson de Melo.

★

O deputado Lopo Coelho foi procurado por elementos da oposição que queriam articular o seu nome para Presidente da Comissão de Finanças. Embora com enormes chances de ser eleito, o deputado carioca recusou autorização para qualquer manobra com seu nome.

★

Jorge Ileri (Amei um Bicheiro) vai dirigir um cine-jornal mensal. Já era tempo de alguém inteligente se meter nesse negócio.

★

Apartamento de José Cândido Ferraz. Toca a campanha. A empregada (20 anos servindo ao deputado) vai atender. Volta esbafo-rada, exclamando: «Dr., tem um sujeito aí na porta dizendo que é Carlos Lacerda.» José Cândido, calmo, ordena: «Manda ele entrar que eu estou esperando.» Desde esse dia a empregada deu p'ra falar sôzinha e diz que não entende mais nada.

★

Rumores fortes do setor udenista: a oposição do sr. Juraci Magalhães durará até a sua eleição para a Presidência do Partido. Depois, o senador baiano voltará à «cordeirice» de sempre.

★

Osvaldo Penido e Vítor Nunes Leal fizeram sondagens para a formação de um novo partido político. Base programática desse novo partido: intransigente política nacionalista. Não houve muita receptividade e a idéia foi abandonada momentaneamente. Haverá nova ofensiva dentro em pouco, com outros coordenadores.

★

Inquietação nos meios militares com a aposentadoria (compulsória) de alguns oficiais generais, do Exército e da Marinha. O gen. Zenóbio, que é um deles quer também ser beneficiado pela «Lei Denys». Na Marinha há um movimento para salvar o almirante Carlos Carneiro, que seria promovido com a nomeação do sr. Renato Guilhobel para a Embaixada brasileira em Roma.

★

Em pleno Arpoador o general José Maria Vasconcelos (chefe de Gabinete do Chefe de Polícia), levou uma bolada no rosto. No dia seguinte o futebol estava proibido, ali, com a presença ostensiva de vários atléticos rapazes da Polícia Especial.

♦ Quanta coisa esta foto recordará. Ela foi batida no dia da posse do Doutor (doutor mesmo), Benedito Valadares no governo de Minas. Vejam a elegância com que o Doutor (doutor mesmo) Benedito cruza as pernas. Parece um adolescente, quase sem barba, um buço imperceptível emprestando-lhe um ar de homem feito e realizado. Fisionomia fechada, compenetrado, o Doutor (doutor mesmo) Benedito iniciava ali o ciclo do valadarismo na política brasileira. Ciclo que já completa 25 anos e não dá sinais de cansaço. Ao lado do Doutor (doutor mesmo) Valadares, estão Gabriel Passos, hoje adversário irreconhecível, e Ovídio de Abreu, que se conservou através dos tempos, amigo e correligionário fiel. Dos que estão em pé, os mais importantes são Otacílio Negrão de Lima, que anos depois se desligaria da liderança Valadares e começaria a trabalhar por conta própria; e Israel Pinheiro, então de vastos bigodes, ar inteligente (que força ele devia fazer para aparentar isso), e também impecavelmente elegante, como o chefe. Israel não brigou com o Doutor (doutor mesmo) Benedito, mas tem sido em várias oportunidades, uma ôvelha tresmalhada. Quanta coisa esta foto recordará.



Almirante com o famoso palhaço Benjamin, que encantou e divertiu várias gerações.

ALMIRANTE DESABAFANDO:

ESTOU ENOJADO DO RÁDIO

RECORDAÇÕES DA "MAIOR PATENTE DO RÁDIO" ★ O RÁDIO DE ANTIGAMENTE E O DE HOJE ★ "NO SEM-FIO TUDO MUDOU, MENOS O ACAMPAMENTO DE CIGANOS, QUE CONTINUA A EXISTIR" ★ INJUSTIÇA, RECALQUES E DESORGANIZAÇÃO ★ A RÁDIO NACIONAL TEM UMA DÍVIDA COMIGO DE 400 MIL CRUZEIROS ★ LÁ EXISTEM SUJEITOS QUE SE SERVEM DO MEIO, EXCLUSIVAMENTE PARA RESOLVER QUESTÕES PESSOAIS

Reportagem de JEANETTE ADIB

ALMIRANTE é um nome intimamente ligado ao rádio, desde os seus primeiros passos, juntamente com meia dúzia de homens considerados meros aventureiros, a armar umas instalações num barraco qualquer, a fim de improvisar uma estação. Lembremos Noel Rosa, Aracy de Almeida, Francisco Alves, Pixinguinha, Vicente Paiva, Carmen Miranda, e tanta gente de valor que deixou sua história ligada ao rádio do passado, na lembrança viva do presente. Muitos se foram para sempre, alguns sem alcançar a época do rádio comercial, mercantilista, imoral, corrompido por detrás dos bastidores, onde campeava a injustiça e os favores aos desonestos em troca da depravação de certos dirigentes inescrupulosos. É por isso mesmo que Almirante se confessa enojado do rádio!

O idealizador dos fabulosos «Arquivos Musicais», relembra com saudade, seu início no sem-fio:

«— Comecei em rádio, no ano de 1928, como cantor. Fazia parte do «Bando de Tangará» — um conjunto que contava com a participação de João de Barro (Braguinha), Brito (já falecido) e outro camarada chamado Noel Rosa, que se propunha a compor só música brasileira. Naquele tempo, o rádio não tinha nenhum propósito material, e sua finalidade era essencialmente artística, pois não havia publicidade. Somente depois de algum tempo, foi permitida uma publicidade livre, tendo sido anteriormente, estabelecido por lei, o seguinte critério: ao inaugurar-se uma estação de rádio, esta, deveria ficar um ano sem propaganda de espécie alguma. A pessoa que montasse uma emissora, era um abnegado. Para se manterem, as emissoras passaram a adotar um sistema muito interessante, chamado «Fundo de broadcasting» — que correspondia ao recebimento de mensalidades pagas por algumas casas comerciais do Rio. Começaram, então, a fazer uma propaganda muito velada, lendo na abertura e no final do programa o texto: «Contribuíram com mensalidades para o «Fundo de broadcasting desta estação, as seguintes firmas»... Trabalhar em rádio significava uma aventura! Não existia uma finalidade de ordem econômica. Mais tarde, depois de alguma experiência, as estações cingiram-se ao «Vamos ouvir» e «Acabaram de ouvir» um quarto de hora com fulano de tal». Em 1932 veio a fase dos programas especiais, de música, apenas. Reuniam-se os artistas e fazia-se um programa interessante e alegre. Produtores não existiam, até que em 1937 foi lançado na antiga Rádio Transmissora, o «Programa Casé», e, um dos anunciantes — Armazéns Brasil, patrocinava um quarto de hora todos os domingos. Certo dia, Casé entrou em férias e deixou o programa sob o meu comando. Naquele mesmo dia, fui ao patrocinador para renovar a autorização (era renovada toda semana), e qual não foi a minha surpresa quando o homenzinho disse resolutivo: «Eu não quero mais patrocinar coisa alguma. Todo domingo é sempre a mesma xaropada!» E deu-me as costas. Sêriamente preocupado, por tratar-se de um dos melhores pa-

trocinadores, encontrei uma saída: comprometi-me com ele, a fazer uma coisa completamente diferente do que já se havia feito em rádio. E ele concordou, bastante curioso. Foi assim que levei ao ar, pela primeira vez, o programa «Curiosidades Musicais» — montado como os de hoje.

«No dia seguinte, quando visitei o referido anunciante, ele se mostrou entusiasmado, e continuou com o patrocínio por vários meses.»

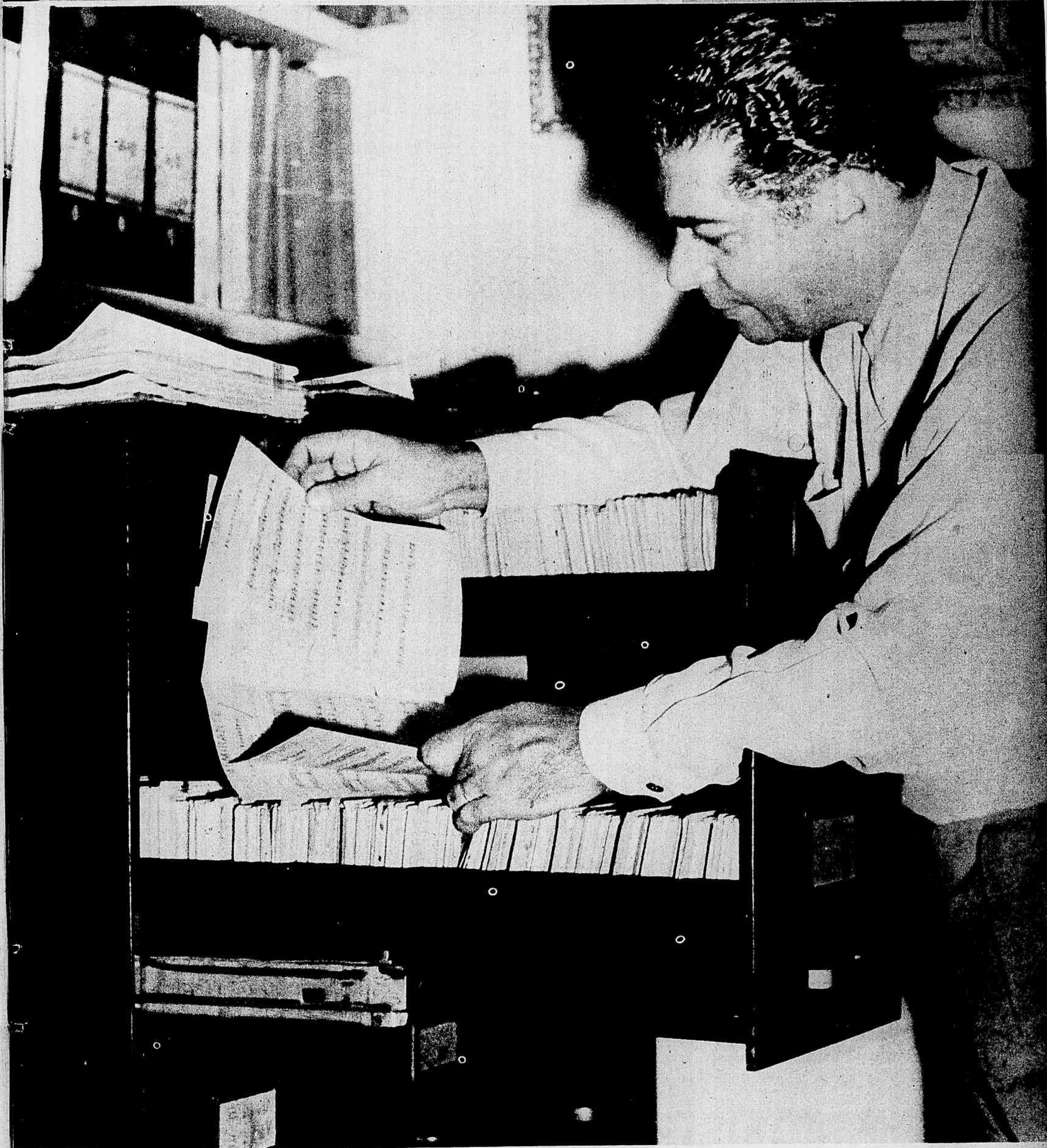
«— Em 1938 fui convidado para a Rádio Nacional, e lá, tentei meter na cabeça daquela gente, que o rádio não podia ser tão parado, que devia haver produtores. Começou aí a nova fase do microfone, com programas montados, quando lancei a nova série de «Curiosidades Musicais». Exatamente no dia 11 de abril de 1938. E, surgiu um rádio moderno, estabelecendo-se nessa época o profissionalismo, oferecendo garantia aos artistas, sob contratos.»

— Lembra-se de algum fato curioso acontecido no rádio de antigamente?

«— Sim... Em 1932, deu-se a revolta de S. Paulo, e a Rádio Phillips era a que se ouvia melhor naquela cidade. Para cada emissora, foi enviado um Censor, e o funcionário designado para inspecionar os programas da Phillips era um sujeito posado e cretino, que ficava andando pelos corredores vigiando todos os nossos passos. Quando alguém ia falar no microfone, o Censor observa-lhe os menores gestos. Contam que, um dia, ele chamou o dono do programa e disse que determinado cantor não podia continuar se exibindo em rádio. (Tratava-se de um cantor de samba de breque). Muito intrigado com a estranha atitude daquele sujeito, Casé quis saber qual era a razão daquele estranho procedimento, e ele explicou dizendo: «Eu sei lá se ele está fazendo sinais para os revoltados de S. Paulo»...

Houve, também, um tempo em que os cantores tinham que apresentar um número novo em cada domingo, e, como não existisse essa produção em massa, aconteceu que os artistas já não sabiam o que fazer. Muito vivo, Noel Rosa dizia para o contra-regra: toma nota. Vou cantar em primeira audição «Um grito no morro», e o locutor anunciava... No outro domingo, ele dizia pro mesmo contra-regra: Vou cantar em primeira audição, «Um tamborim e um soirée». E por aí aíora. Cada domingo Noel dava um título novo à mesma música, aproveitando o fato do samba ter 16 versos. Para cada verso, um título diferente.

«A verdade é que o rádio de antigamente era constituído de ciganos — como diz bem o Paulo Roberto, mas, infelizmente, este rádio de 1957 ainda tem muito do acampamento de ciganos de 1932. O mais lamentável é que os dirigentes das estações, não compreendem que os programas ruins é que estão fazendo desaparecer os ouvintes, e não a televisão — como muitos afirmam. Antes de existir a televisão, o rádio acusava um índice de sessenta por cento de aparelhos desligados. Criou-se na



ALMIRANTE COM O SEU FAMOSO ARQUIVO. ELE ACABA DE ALUGAR UM APARTAMENTO PARA COLOCAR O SEU TÃO COMENTADO ARQUIVO.

mentalidade de certos produtores, que o ouvinte tem a mesma mentalidade rasteira deles... Como é o caso de alguns animadores com idéias de criança, que vivem dizendo as coisas mais sabidas d'êste mundo como se fôsem verdadeiras novidades...

◆ **O CASO DA NACIONAL** — Indagamos à «Maior patente do rádio», acêrca de sua repentina saída da Nacional, e, o homem do «Incrível, Fantástico, Extraordinário», desabafou, terrivelmente revoltado:

«— O que falta à Nacional é orientação. Chega um ali e faz o que bem quer, sem consultar ninguém. A gente tem a impressão de que é uma grande organização, mas não é! Como eu disse anteriormente, o rádio continua a ser para muitos, um acampamento de ciganos. A Nacional,

por exemplo, conserva alguns elementos que servem-se do meio exclusivamente para dar vazão a questões pessoais. O chefe de publicidade da E-8, por razões que ele nunca poderá explicar à luz do dia com decência, não pode ouvir falar em duas pessoas chamadas Almirante e José Mauro!»

— E sôbre essa questão da dívida?

«— A nacional me ficou devendo quatrocentos mil cruzeiros, por não cumprir meu contrato, baseada em alegações mentirosas do referido chefe de publicidade. Eu esperei durante um ano e seis meses, sem que meu programa «Incrível, Fantástico, Extraordinário» (com 20 anos de existência) tivesse patrocinador, boicotado como foi, pelo dito homem do setor comercial daquela emissora. A verdade é que ele prendeu a venda do programa. E no entanto, a Tupi vendeu-o em 20 dias!

DE QUEM SÃO ÊSTES POEMAS?

• REVISTA DA SEMANA, aderindo às preocupações de Rubem Braga («A poesia é necessária»), lança esta pergunta aos nossos leitores de todo o Brasil: qual o autor dêstes poemas? Quem acertar (esperamos 30 dias pelas respostas) ganhará uma assinatura anual da REVISTA DA SEMANA, e outra também anual do EU SEI TUDO. Logo depois, com um júri de mil pessoas selecionadas, escolheremos o maior poeta (vivo) do Brasil.

Imaculada Conceição

*Creio-te imaculada e creio que és humana.
Crença forte, integral, que o coração me ensina,
Pois se escuto a razão que da razão emana,
Admito e vejo em ti, uma essência divina.*

*A tua concepção, no ventre de Sant'Ana,
Sem mancha original — de graça peregrina,
Por força espiritual à de Jesus se irmana
E para o mesmo bem e para a mesma sina.*

*Sendo virgem, és mãe — e mãe do Onipotente,
Trindade divinal, cujo filho, Jesus,
Na sua carne contém do teu sangue a semente.*

*E esse sangue imortal, que na tarde sombria
O mundo redimiu no martirio da Cruz,
Foi sangue de Jesus — foi sangue de Maria.*

Jesus Crucificado

*Vós que passais, parai. Vêde a estátua da dor,
A cabeça pendida e o rosto macerado;
O coração a sangrar em golfadas de amor
Um Deus padece e morre e assim vence o pecado.*

*Escurecem-se os céus. Há na terra um tremor.
O corpo de Jesus, ferido e inanimado
Baixa à vala comum. Enforca-se o traidor
Pelo remorso atroz, na figueira cruciado.*

*O olhar do Evangelista; o transe de Maria
E a angústia de Magdá, enchem de glória e luz
Na escuridão da noite, a grande cruz vazia.*

*Vós que passais, chorai, vendo o mundo inconsciente
Afastado de Cristo, tão longe da Cruz
Pelo abismo a rolar, sonâmbulo e descrente.*

À minha filha

Dei-te, primeiro, o bem maior — a vida.
Depois, lavei, na pia batismal,
O pecado que não foi teu, nem meu.
Abri-te, assim, a estrada celestial
Onde a fé, a esperança e a caridade
Hão de sustentar teus passos, na escalada
Dos montes pedregosos, que contornam
Tôdas as vidas, mesmo as mais felizes.
Desde então ancorei todo o meu ser
No lago claro e azul do teu porvir.
E no mastro das minhas ambições,
Desfraldei a bandeira do teu rosto.
Vivi horas inteiras debruçado
Sobre o teu berço, enquanto tu dormias,
Ensinei-te a rezar. Brinquei contigo
E chorei de emoção quando comeste.
Pela primeira vez, o Pão Divino,
E na altivez de paternal orgulho,
Dei-te o primeiro baile — bem me lembro.
Qual pomba branca, tímida e assustada
Tu me olhavas medrosa e emocionada.

Dei-te emoções, carinhos, todo o amor
Que um grande coração de pai contém.
Sofro dobradamente o que padêces.
Não consigo manter um não sequer
Aos teus desejos — mesmo os teus caprichos.
Quando nasceste, o céu se encheu de estrélas
E o sol doirava minha mocidade.
Hoje, o sol doira a tua juventude
E eu, sob um céu sem brilho e sem estrélas,
Tactando a sombra, já pressinto o fim.
Mas, antes que ele chegue, ó minha filha,
Ouve o conselho amigo de teu pai:
Crê em Deus, pensa n'Ele de manhã,
E, de noite agradece o que te deu,
Alegre se sorriste, e resignada
Se sofreste. E retém no teu olhar
Aquêle olhar piedoso de Maria.
Não julgues nunca alguém. Tôda consciência
Tem luz e trevas, cujo descortínio
Escapa ao falho julgamento humano.
Quando nasceste, o céu se encheu de estrélas
E o sol doirava a minha mocidade.
Hoje, o sol doira a tua juventude
E eu, sob um céu sem brilho e sem estrélas,
Tactando a sombra, já presinto o fim.
Mas, antes que ele chegue, ó minha filha,
Ouve esta confiança de teu pai:
Tudo quanto eu te dei, não vale não
A esmola soberana que me deste
Da glória e do esplendor de ser teu pai.

Ciúme

O CIÚME É A ÚNICA EVIDÊNCIA DO AMOR

Ciúme. Que és tu? Orgulho? Dor? Loucura?
Sincope cerebral? Visão demente?
Ave agourenta em trágica postura?
Babas de réptis? Rastro de serpente?

Que és tu? Tarde sombria? Noite escura?
Delírio d'alma? Angústia atroz do crente?
Limbo ascoso de velha sepultura?
Ou marolas de fétida vertente?

Poeta, porque me insultas? Sou a glória
A ebulição, a vida, a claridade
Que só não vê nem sente a humana escória.

Sem mim, terás até mesmo o esplendor
Macio da ternura e da amizade;
Tudo terás sem mim, mas, nunca o amor.

Ontem, hoje, amanhã

ONTEM, sorrindo, eu quis brincar contigo.
E, por brincado, eu disse que te amava.
Mas tu, sorrindo, para meu castigo,
Disseste — não — pensando que eu brincava.

HOJE, tendo saber, mas não consigo,
Se era mesmo brincando que eu falava.
Apenas sei que te procuro e sigo,
Como o único bem com que eu sonhava.

AMANHÃ, se eu morrer por ti, de amôres,
Conta a todos porque me desprezaste,
E, como paga ao bem que recusaste,

Manda escrever na minha cruz, em flores:
Por um brincado, um grande amor nasceu;
Por um capricho, um grande amor morreu.

POR ÊSSE MUNDO DE DEUS



ENZO CARLINI — Florença



ROBERTO CIANI — Roma



GIANNI COSTI — Génova



MARIO PAGANELLI — Atenas



— Chicago



♦ O episódio da morte de James Dean (apesar da influência inegável da publicidade do estúdio), fascinou a juventude de todo o mundo. A personalidade doentia e excitante do jovem ator, as características de sua morte, e o seu inegável talento criaram uma psicose nova, uma idolatria que vai se alastrando perigosamente. E agora começaram a aparecer inclusive os sósias de James Dean. Nesta página apresentamos 9, que foram fotografados nos países e nas cidades mais diferentes. Vejam, comparem e digam se são realmente parecidos com o famoso ator de «Juventude Transviada».

♦ Zukov, hoje um dos homens fortes da Rússia Soviética e Nehru, olham para o céu e riem. Nehru depois de sua visita aos EE.UU., virou surpreendentemente para o lado da Rússia. Dizem que alguns cochilos do Departamento de Estado, exerceram uma importância muito grande nessa reviravolta.



da
céu
UU.,
da
De-
im-
olta.



Rossana Podestá ao lado do ator Marco Vicario, seu marido, no seu belo apartamento. A jovem atriz italiana já conseguiu se impor internacionalmente. No ano passado fez o filme «Santiago», em Hollywood; dentro em breve voltará para os Estados Unidos, onde cumprirá um contrato com uma companhia americana



Rossana ensina o alfabeto ao seu filho, Stefano, servindo-se de um estojo de matéria plástica. O pequeno Stefano completou três anos no último Natal. Rossana é sua companheira inseparável e por nada no mundo quer se afastar dele. Por isso, decidiu levá-lo para o México, onde filmará ainda este ano

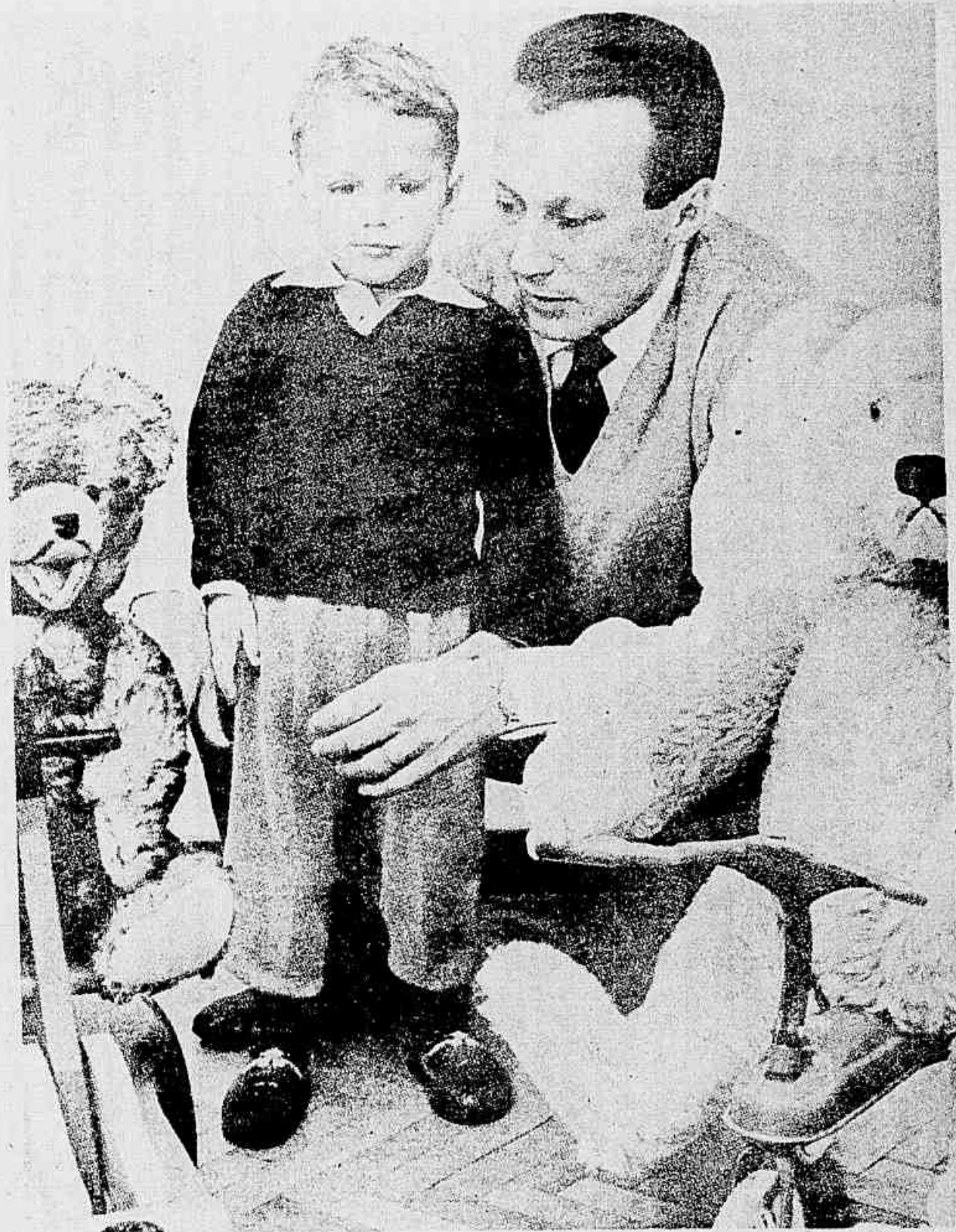


POR ESSE MUNDO DE DEUS

Rossana
repa
apa
prov
Fran
no



Rossana está feliz da vida por poder gozar um pequeno período de repouso, após ter concluído o seu mais recente filme italiano. A atriz aparece aqui ao lado do seu filhinho, Stefano. Na América, ela fará, provavelmente, o papel principal do filme «O Diário Secreto de Anna Frank», da comédia homônima que foi o maior sucesso teatral de 1956 nos EE. UU. Rossana nasceu em Zliten em 20 de agosto de 1934



Marco Vicario, o jovem ator italiano marido de Rossana Podestà, brinca com Stefano e com os dois ursinhos que o menino ganhou de presente por ocasião do Natal. Marco Vicario e Rossana casaram-se em 1953: esse casamento feliz representa um exemplo para Hollywood. Vicario fez, recentemente, ao lado da sua esposa, um filme na Espanha, intitulado «Nós Dois»



Aqui, o casal aparece com o filho. Rossana Podestà estreou no cinema com apenas quinze anos, no filme «Amanhã é Outro Dia», de Leonida Moguy. A sua celebridade na América é devida à sua interpretação «Ulisses» e «Helena de Troia». Antes de entrar para o cinema, Rossana Podestà queria seguir medicina



COMO APRENDER A DANÇAR

8ª EDIÇÃO AMPLIADA

com os últimos passos de cha-cha-cha, Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Rítmicas». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 100,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

BANCO DO COMÉRCIO S. A.

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM 1875 — CAPITAL e RESERVAS Cr\$ 179.107.824,70

SEDE: RUA DO OUVIDOR, 93/95 — Telefone 43-8966

End. Telegr.: «BANCOCIO» — Caixa Postal 633

AGÊNCIAS METROPOLITANAS

AGÊNCIA MEIER: Rua 24 de Maio, 135 — AGÊNCIA TIJUCA: Praça Saenz Peña, 9 — AGÊNCIA SÃO CRISTÓVÃO: Rua São Luiz Gonzaga, 173 — AGÊNCIA RIACHUELO: Rua Riachuelo, 367 — AGÊNCIA URUGUAIANA: Rua Uruguaiana, 7 — AGÊNCIA COPACABANA: Avenida N. S. Copacabana, 1155 — AGÊNCIA MADUREIRA: Estrada da Pórtela, 44.

AGÊNCIA NA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO: Rua Álvares Penteado, 196/200 — Caixa Postal, 8213.

"Mil" lhe oferece:

Contra ROUBO do seu CARRO
FECHADURA TRAVA DIREÇÃO **MERLI**



SEGURANÇA ABSOLUTA
Colocação imediata
TODOS OS CARROS

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A

52-1066 - 22-6144

RIO DE JANEIRO



INSUFICIÊNCIA HEPÁTICA

YAKRITAMIN



INTOXICAÇÕES

ANEMIAS

YAKRITAMIN

COMPLEXO INJETÁVEL

INSTITUTO BIOLÓGICO DO RIO DE JANEIRO, LTDA.
CAIXA POSTAL Nº 1.202

SEM COMPROMISSO

Por LUIZ SODRÉ



◆ Sandy Sadler ex-campeão mundial de peso mosca, foi condenado (pelos médicos) à cegueira completa dentro de pouco tempo. Causa: um recente acidente automobilístico.

◆ O «Premier» Mac Millan tem encontrado tremendas dificuldades no desempenho de seu cargo. Conversando com íntimos, teria dito que por sua vontade convocaria logo as eleições gerais. E que depois delas, renunciaria ao governo.

◆ Há muita possibilidade de Mendes Frances voltar ao governo francês. Pelo menos é só o que se fala em círculos políticos franceses com o agravamento da situação econômica financeira do país.

◆ Anuncia-se na Europa que a Rússia modificará a sua política em relação ao ocidente. Espera-se inclusive o fim da guerra fria.

◆ O selecionado uruguaio que vem fazendo fiasco no sul-americano de Lima, vai provocar na volta, uma revolução nos círculos dirigentes esportivos de seu país.

◆ Perón prepara-se para intervir decisivamente nas futuras eleições na Argentina.

◆ O Presidente Craveiro Lopes visitará o Brasil em junho. O Presidente de Portugal vem retribuindo a visita dos Presidentes Café Filho e Juscelino Kubitschek. Sua Exa. ficou muito impressionado com «a mocidade e o dinamismo do sr. Juscelino Kubitschek.» Aliás é a convite do sr. Kubitschek que o Presidente Craveiro Lopes viajará para o Brasil.



◆ Joan Collins vem subindo rapidamente e atingindo o estrelato na sua carreira cinematográfica. Agora, Darryl Zanuck escolheu-a para principal intérprete feminina de um filme colorido. Com ela, trabalharão James Mason, Dorothy Dandridge, Joan Fontaine e Harry Belafonte.

(cont. na pág. 36)

MINISTRO LÚCIO MEIRA



◆ Transcorreu no dia 3 de março p. passado o aniversário natalício do exmo. sr. comte. Lúcio Meira, Ministro da Viação, cuja atuação à frente daquela pasta tem sido das mais profícuas para o país. A obra que vem o Ministro Lúcio Meira empreendendo é das mais proveitosas à nossa economia, digna portanto dos aplausos de todos os brasileiros que se animam e interessam pelo engrandecimento da pátria. Num curto período administrativo o sr. Lúcio Meira tem procurado resolver com inteligência e determinação alguns dos maiores problemas da sua pasta, como sejam o reaparelhamento da Estrada de Ferro Central do Brasil, da Marinha Mercante e da implantação no nosso território da indústria naval.

A aquisição de novas composições elétricas melhorou sensivelmente o serviço de transporte na nossa principal ferrovia, muito embora essa melhoria ainda não tenha atingido o grau de suficiência tão desejado pelo público em geral. No que se refere a transportes marítimos, a nossa frota de cabotagem está sendo ampliada com o recebimento de navios de pequeno e grande calados, os quais, como já anunciamos em edição anterior, estão sendo entregues ao governo brasileiro em curto espaço de tempo. Ao fazermos o registro do aniversário do Ministro Lúcio Meira, desejamos que ele continue a sua grande obra em benefício do país e conseqüentemente de todos os brasileiros.

CAMPINAS

120
VIAGENS
POR DIA
DAS
5,05
ATÉ
23,50 HS.

cada 10 minutos

AGÊNCIAS:

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885 - Fone 34-1395

R. Senador Queirós, 85 - Fones 34-2399 e 36-6402

Parque D. Pedro II, 1.092 - Fones 32-8733 e 34-5393

CAMPINAS

Pça. Flor. Peixoto, 292 (Lgo. da Est.) - Fone 5848

Rua Dr. Campos Sales, 758 - Fone 3160



VÁ PELO MELHOR!



AZASO - EB-3

EXPRESSO
BRASILEIRO
VIAÇÃO Lúcio Meira



ELOÍSA DOLABELA NÃO GOSTA (MESMO) DE DAR ENTREVISTAS

A HISTÓRIA DA ENTREVISTA QUE NÃO SE CONSEGUIU E DAS INFORMAÇÕES QUE AS AMIGAS DERAM
— DESENHO JÁ FOI SEU FRACO, JORNALISMO É UMA ATRAÇÃO — PARECE ANTIPÁTICA, MAS NÃO É

Reportagem de CARLOS LEMOS

Fotografias de YLLEN KERR

— Ela não dá entrevistas a ninguém. Há muito tempo que é assim. Em todo caso, tente — foi a informação que obtivemos quando comentamos, com uma amiga de Eloísa Dolabela,

que ela (Eloísa) seria a nossa próxima entrevistada na série das moças bonitas da sociedade, que se transformaram em notícias.

Eloísa é uma das líderes de sua geração e

tinha que fazer parte da série. Procurámo-la. Tentamos. Eloísa foi gentil, atenciosa, mas confirmou o que nos haviam informado: nada de entrevistas.



ELOÍSA DOLABELA: BONITA, SIMPÁTICA, INTELIGENTE, GOSTA DE PRAIA MAS DIZ QUE NÃO SABE NADAR. CALADA, MAS QUANDO SE IDENTIFICA COM O AMBIENTE (E COM AS PESSOAS) SE TRANSFORMA NUMA EXCELENTE PALESTRA.

REVISTA
DA SEMANA





Alto: a atriz americana Elizabeth Taylor, de Ellen Kerr. Elaine DeBelle aparece como é realmente: melga, terna e muito bonita.



NOVAMENTE NA PRAIA, ELOISA (SEM ILDE E SEM ROZINHA), MESMO SEM SABER NADAR SE PREPARA PARA UM MERGULHO. COMO? O PROBLEMA DEIXA DE SER DO REPÓRTER, E PASSA A PERTENCER EXCLUSIVAMENTE AO SERVIÇO DE SALVAÇÃO DE BANHISTAS.

EL

Ma
todos
Desist

Ma
só h
na p
Serze
festa,

O
Só h
saber
dizer.
conve
Procu
jam

Elo
lhões
Tem

Nã
cos f

Est
Foi d
aula

Go
com
estud
exist
por
dese

Al
ingle
líng

Ho
nali
a tr
mo
Imp
rio.
tivo

N
des
se
se,

S
esp
mo
com
faz

S
nã

ELOÍSA DOLABELA NÃO GOSTA...

Mas justificou-se. Os motivos foram vários, todos eles coerentes. Aceitamos as justificativas. Desistimos.

Mas a reportagem tinha que ser feita. Antes, só havíamos estado com Eloísa duas vezes: na praia, numa reportagem com ela, Rosinha Serzedelo Machado e Ilde Garavaglia; e numa festa, no Copacabana Palace.

O que sabíamos sobre a moça era pouco. Só havia um recurso: ouvir amigas de Eloísa, saber o que nos poderiam informar, comentar, dizer. As consultas foram muitas. De todas as conversas que tivemos, saiu uma impressão. Procuraremos transmiti-las. Esperamos que estejam pelo menos aceitáveis.

É CARIOCA DE COPACABANA

Eloísa nasceu em Copacabana, na rua Buiões de Carvalho, no dia 17 de março de 1932. Tem 25 anos, feitos há 15 dias.

Não tem apelido, a não ser para alguns poucos íntimos, que a chamam de Helô.

Estudou no Melo e Souza e no Sacré Coeur. Foi aluna gazeteira, sem se preocupar com as aulas. Ainda assim, sempre passou de ano.

Gostou, sempre, de desenho, a que se dedicou com afinco, apesar de ter sido inconstante nos estudos. Numa das salas de seu apartamento, existe um retrato de sua irmã, Vera, desenhado por ela a carvão. Há algum tempo, deixou de desenhar.

Além dos cursos normais, estudou francês, inglês e italiano. Fêz, também, um curso de língua e literatura portuguesa.

JORNALISMO FOI ATRAÇÃO

Há uns poucos meses, pretendeu estudar jornalismo, que abraçaria como profissão. Chegou a tratar de sua matrícula no curso de jornalismo que Carlos Lacerda dá na «Tribuna da Imprensa». O colunista Peter foi o intermediário. Depois, desistiu. Não se conhecem os motivos exatos.

No momento, apesar de haver, em princípio, desistido da idéia, não a abandonou de todo e, se aparecer uma oportunidade, poderá voltar-se, outra vez, para o jornalismo.

Suas amigas informam que, em matéria de esportes, Eloísa já teve predileção pelo hipismo e já tentou o tênis, onde «foi um desastre completo». Quanto aos esportes aquáticos, não faz nenhum, não sabendo, ao menos, nadar.

Suas diversões são comedidas, gostando, mas não demais, de cinema e teatro. Gosta de ir ao

«Sacha's» e ao Country. Tem dias em que prefere não sair, ficando em casa, «para equilibrar». Mas o que gosta mesmo, é das pessoas que a agradam.

PARECE ANTIPÁTICA

Algumas pessoas acham que Eloísa é antipática. Suas amigas justificam:

— Não é isso. Eloísa não gosta de se mostrar como é verdadeiramente. Até conhecer bem com quem está lidando, fica olhando, observando. Quando descobre e sente a certeza de que a nova amizade vale a pena, passa a ser uma amiga de primeira ordem.

Isso de Eloísa não gostar de se dar a conhecer, pode ser atestado com um fato apenas: não ter querido dar a entrevista. Todas informaram que não se trata de medo de tomar posição e emitir opiniões. Apenas, Eloísa só se manifesta quando tem certeza de que seu conceito não poderá ser reformado. Sua palavra é definitiva.

VIAGENS E LEITURAS

Eloísa já foi à Europa três vezes e aos Estados Unidos uma. Numa das vezes, correu toda a Europa, com o pai, a mãe e a irmã (tem, também, um irmão mais velho). Das outras, fêz sede em Paris, tendo ido, daí, até Londres e Madri.

Gosta de ler, mas não o faz com assiduidade. Não foi possível descobrir os seus autores preferidos.

O ano passado, Eloísa foi indicada para «Glamour Girl», não sendo eleita. Sobre esse caso — quase provocou uma luta entre colunistas sociais — não gosta de conversar e sobre ele nunca comentou com ninguém, nem para dizer que sim ou que não. Sua opinião é desconhecida. Os outros discutem a respeito.

Dizer-se que é bonita é desnecessário.

As fotografias e sua inclusão em nossa série estão as mesmas. (O repórter, com isso, não quer ser vaidoso ou passar, a si próprio, atestado de bom gosto. As moças são escolhidas depois de ouvidas diversas opiniões). O colunista Antônio Maria a chama de «Eloísa Todabela».

É bem educada, gentil, até mesmo quando nega entrevistas, o faz com doçura. Tem várias amigas e quase nenhuma inimiga entre as moças que conhece e com quem convive na sociedade.

De experiência pessoal, louve-se a maneira como diz «mesmo», (provavelmente um hábito



Eloísa Dolabela (ou como diz Antônio Maria: Eloísa Todabela), faz jus ao jôgo de palavras esteja de maiô, de roupa comum ou em vestido de baile.

adquirido na convivência com sua grande amiga Leila Limpo de Abreu). É gostoso, por exemplo, escutá-la dizer:

— Não gosto de dar entrevista mesmo!

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)
SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



SEM COMPROMISSO

(cont. da pág. 28)

◆ Apesar dos milhares de protestos, Elvis Presley foi incorporado ao Exército. Na foto, quando se submetia ao exame médico, para saber se suas condições físicas eram boas. A propósito noticia-se que Elvis vai casar com uma das mais ricas herdeiras dos EE.UU. Como se vê a fortuna continua sorrindo para o jovem ídolo. De desconhecido motorista de caminhão passou rapidamente a milionário e ídolo da chamada «juventude transviada». E agora, a marido de uma das mais opulentes jovens dos EE.UU., herdeira do rei do açúcar.



◆ Os húngaros pretendem apresentar no próximo campeonato mundial de futebol (Suécia, 1958) um esquadrão poderosíssimo. Inclusive sem os Puskas, Grosics e outros.

◆ As declarações do Almirante americano Burke, («os EE.UU. atacando de surpresa podem destruir totalmente a Rússia»), tiveram enorme repercussão na União Soviética. Os russos ficaram também muito impressionados com a afirmação de Burke, «de que embora forte nos mares a Rússia não resistiria a um ataque americano». O Kremlin estuda uma resposta.

◆ Na Itália trava-se uma acesa polêmica para saber se o fascismo está ou não está morto. Curiosidade: os mais exaltados polemistas são precisamente os comunistas.

◆ São muito comentadas em Paris as piadas e os trocadilhos do Presidente Coty. S. Exa. costuma fazer sempre uma piada (amável), mesmo com os visitantes ilustres.

◆ Acentuam-se nos EE. UU., as divergências entre os cultores do jazz, moderno e antigo. As simples divergências de antigamente se transformaram agora em hostilidade aberta e mesmo briga feroz.



◆ Anita Ekberg, que abandonou o Brasil às pressas em virtude de constantes brigas com o marido, anunciou na Suécia que não vai se divorciar.

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706
Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON»

Nº
NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço no varejo Cr\$ 100,00
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 135,50
Por Vale Postal Cr\$ 125,50

Ha quasi
UM SÉCULO

MILHARES DE HOMENS
EM TODO O BRASIL
PREFEREM ESTE
CALÇADO

Calçado
SOUTO



UMA
TRADIÇÃO
DE
ELEGÂNCIA
E
QUALIDADE

EU SEI TUDO

Cr\$ 10,00 em todo o Brasil

Gynegon



Instituto Biológico do Rio de Janeiro —
Caixa Postal, 1.202



**A QUALQUER HORA
AOS
DOMINGOS**

**o serviço interurbano
é mais barato!**



Rapidez - A maioria das chamadas é completada com mais rapidez devido à grande redução do tráfego comercial aos domingos.

Economia - Tarifas especiais com descontos de 40% e 20%, respectivamente, no preço das chamadas "de telefone para telefone" e "para determinada pessoa", entre localidades que estejam a mais de 102 quilômetros.

Mais barato a qualquer hora - Rio-São Paulo Cr\$ 23,80 - Rio-Belo Horizonte Cr\$ 25,20 - Rio-Vitória Cr\$ 24,30 - S. Paulo-Bauru Cr\$ 19,10 - S. Paulo-Ribeirão Preto Cr\$ 19,30 - S. Paulo-Araraquara Cr\$ 16,90 - As taxas acima (exclusive quota de previdência) são para 3 minutos, de telefone para telefone, aos domingos, a qualquer hora.



Procurando servir sempre melhor!

"O que êles procuram é o Tesouro dos Martírios!"

DENUNCIAM PORTA-VOZES MATOGROSSENSES



Após longos anos de hostilidade, brancos e índios confraternizam-se na roda da fogueira

UM LATIFÚNDIO PARA CADA ÍNDIO DO XINGU

A VERDADE SÔBRE O «PARQUE INDÍGENA», NO VEEMENTE LIBELO DE
EX-DIRETOR DO SPI ★ DAS MARAVILHOSAS ENTREVISTAS POR BARTO-
LOMEU BUENO AO ROTEIRO DIVULGADO POR COUTO DE MAGALHÃES

Reportagem de CLOVIS DE GUSMÃO

A
U

SMÃO

Entre os xavantes os cuidados eu-
gênicos permitem índios como este



SOB A PROTEÇÃO DE MEIRELES (DO SERVIÇO DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS) UM XAVANTE USA PELA PRIMEIRA VEZ, UMA ARMA DE FOGO

AS grandes lendas do Brasil colonial têm sido desfeitas pelo tempo. A Serra Resplandecente (a Sabarabussu de Fernão Dias) em cujos socavões dormiam as esmeraldas, no verso famoso, é hoje apenas um inexpressivo e desgracioso massiço de pedra. O Eldorado, com suas tôrres de prata, depois de haver iluminado toda selva amazônica, foi se restringindo a um ponto na fronteira venezuelana, de onde La Condamine o expulsou, de vez, com duas palavras candentes. E assim os Goyasis, que eram anões do tamanho de crianças de peito; os Matuiús, que possuíam calcanhares para frente, a fim de melhor iludir os que os buscavam; e as Amazonas, que matavam os filhos varões e educavam as fêmeas como soldados. Os Martírios, naquelas montanhas cujo contórno lembrava um episódio da paixão e onde, pelo contraste de sombra e luz, ao cair das tardes se poderia ver reproduzido o espetáculo do Filho de Deus, caminhando sob o látigo dos seus algozes, estava destinado a durar até os nossos dias. O grande mito que fez pulsar tantos corações na Piratininga do século XVIII continua a ferir fundo entre os sertanistas. Pelo menos assim nos diz a denúncia encaminhada por porta-vozes matogrossenses ao dr. Josino de Assis, ex-diretor do SPI. Toda a jornada em torno do chamado Parque Indígena do Xingu, segundo os denunciadores, não passaria da simples cobiça e o fechamento num círculo de ferro de tão extensa área, de um pretexto para que os seus idealizadores melhor pudessem procurar a mina fabulosa de que Antônio Pires de Campos deu detalhada notícia e que encheu os dias vazios de João Leme do Prado, no seu calabouço do Forte de Coimbra.

◆ **REFÚGIO E CIDADELA** — A conquista do vale do Xingu sempre se caracterizou pela timidez e a morosidade. Enquanto que o Tapajoz já em dias remotos se comunicava, por suas nascentes, com as minas cuiabanas; enquanto que o Tocantins, primeiro pelo caminho dos jesuítas e, mais tarde, pela grande estrada boiadeira se tornava o rumo natural da ligação norte-sul, os formadores do Xingu se mantiveram indevassados até quase os fins do outro século, que foi quando Von den Stein descobriu o Homem da Idade da Pedra, fato que se iria reproduzir treze anos mais tarde na Serra do Norte. Os índios de língua geral chamavam «parnahiba» àqueles rios maus, seja por que fôsem de navegação difícil ou porque tivessem as suas margens povoadas de tribos hostis. O Xingu Parnahiba foi, desde os seus primeiros tempos, um rio mau. Desde a famosa viagem do Padre Antônio Vieira através de suas águas. Conser-vou-se fechado aos colonizadores mesmo na fase áurea das especiarias. E, por isso mesmo, na medida em que o povoamento se foi acelerando, tornou-se um refúgio e uma cidadela das tribos vencidas e expulsas de regiões mais próximas dos grandes caminhos da penetração. A expansão dos seringais e especialmente a economia castanheira criaram, pelo sul do Pará, nas primeiras zonas de atrito com os índios. O desenvolvimento do leste matogrossense, de outra parte, provocou novos choques em outros quadrantes. A partir de 1912, começou a se fazer sentir por toda parte a ação pacificadora do SPI. Os Gaviões foram pacificados pelo capitão Dantas e estabeleceu-se um contacto com os Carajás. Mas os Xavantes se mantinham hostis. E só quando Francisco Meireles conseguiu pacificá-los é que na realidade se abriram as grandes perspectivas de



A VIDA NO INTERIOR DAS TABAS É PACÍFICA E CONSTRUTIVA COMO EM TÔDA PARTE, OS ÍNDIOS TÊM JEITO PARA FAZER MUITA COISA

UM LATIFÚNDIO PARA CADA ÍNDIO DO XINGU

estudo e colonização para toda a área. A expedição Roncador-Xingu representa um importante marco na vida regional. Outro marco, de significação não menor, foi a construção do campo de pouso da Serra do Cachimbo, permitindo os vôos diretos de Belém a Manaus, antes feitos pelo litoral com grande desperdício de dinheiro e tempo. A consequência desses reconhecimentos iniciais logo se fez sentir e o governo matogrossense começou a estudar o aproveitamento das terras recém obtidas, e que constituíam mais de uma sexta parte do seu território. Traçou-se um plano geral de povoamento e, baseado nele, pequenas e grandes glebas começaram a ser negociadas. Pela constituição, — art. 216 — a terra tradicionalmente habitada pelos índios lhes pertence de direito. Cabia ao SPI impugnar as vendas. Mas, em vez de fazê-lo, preferiram seus antigos mentores a considerar como indígena toda a zona e fechá-la como patrimônio inalienável dos índios da região. Acontece que o Estado de Mato Grosso é um Estado pobre, cujas rendas globais não vão sequer a 300 milhões. Era um prejuízo de vulto. E criou-se uma crise na administração.

◆ **O PARQUE INDÍGENA** — Em princípio, nada mais pitoresco do que o chamado Parque Indígena. Índios tomando Coca-Cola, pesando para filmes coloridos, servindo como fonte de renda para atração de turistas... Concebido por ocasião da visita do Presidente Getúlio Vargas à região do Cachimbo, o parque tomou forma definitiva no Governo Café Filho, através de um segundo projeto, mais minucioso enviado à Câmara Fe-

deral e detidamente estudado por técnicos do SPI. A idéia justa sobre as terras indígenas aparecia, já então, deformada pelo desmedido de sua ambição. Tirava-se a Mato Grosso uma área de 200 mil quilômetros quadrados. Uma área igual a de São Paulo, duas vezes a de Santa Catarina; dez vezes a de Sergipe. E, sob pretexto de que era preciso conservar a flora e fauna, — o que diga-se de passagem não é atribuição do SPI — esbulhava-se um dos Estados mais pobres da União, já duas vezes desmembrado, por ocasião do acôrdo com a Bolívia, em 1903, e para a formação do Território da Rondônia, de uma das suas regiões mais ricas. Por intermédio do deputado José Fragelli, o governador matogrossense propôs várias bases de acôrdo. O SPI manteve-se intransigente nos 200 mil quilômetros quadrados. E o projeto do Parque Indígena continuou sua marcha através do Parlamento. Ao assumir a direção do SPI, o dr. Josino de Assis surpreendeu-se com o vulto assumido pela crise. E com a intransigência das duas partes em choque. Mandou reestudar a questão. E foi então que veio à tona o caso do Tesouro dos Martírios. «O que eles procuram é o Tesouro dos Martírios.» E em resumo passaram a contar ao diretor demissionário do SPI toda a gênese do problema. O interesse dos índios estava, para os propugnadores do Parque Indígena, em segundo plano. O que figurava em primeiro era o roteiro de Couto de Magalhães. Tudo começara por ocasião da Expedição Roncador-Xingu. De uma feita, chegara-se mesmo a um plano de partilha do Tesouro. Mas os Cajabís se recusaram a penetrar em terras de índios tradicionalmente hostis. Paralelamente, iniciou-se a corrida dos pioneiros matogrossenses para as terras novas. E foi então que os interessados resolveram criar



INDIOS KUIKURO NA SUA FAMOSA LUTA CORPO A CORPO. ESSA LUTA OBEDECE PRATICAMENTE AS MESMAS REGRAS DA LUTA ROMANA

uma mística que lhes permitisse interditar toda a área. Assim, na opinião desses porta-vozes matogrossenses surgiu o Parque Indígena. A propósito, procuramos ouvir, em seu apartamento do Hotel Rex, o depoimento do dr. Josino de Assis. Disse-nos ele:

«— De fato, recebi denúncias de que se procurava no Parque do Xingu o ouro dos Martírios. Mas não me cabia nenhuma providência por se tratar de circunstâncias de ordem subjetiva. Eu não poderia mandar abrir inquérito para opurar pensamentos e desejos de meus subordinados. O que eu sei, — e posso afirmar com a maior segurança —, é que o decreto do Parque Indígena, tal como está redigido, é uma imoralidade. Sabe o senhor quantos indígenas vão ser abrigados nessa área de 200 mil quilômetros quadrados? Não chegam a 3.000. O que daria a bagatela de 70 quilômetros quadrados para cada índio...»

♦ **O TESOURO DOS MARTÍRIOS** — «Foi com verdadeira e sincera estupefação, confesso, que soube da desproporção entre a área pleiteada pelo SPI e a massa humana que ali se propunha abrigar. Procurei entrar em contacto com a Fundação Brasil Central e, por intermédio dela, recebi uma relação circunstanciada. É a seguinte: Camayuras, 200; Kalapalos, 200; Kuikuros, 200; Jurunas, 30; Chucamães, 500; Natukuas, 100; Auetis, 80; Aruás, 250; Trumais, 30; Suyas, 700. Acresce a circunstância de na maioria dos casos se tratar de grupos estranhos à região e aí chegados em época relativamente recente. Fiz vir da

Rondônia o sertanista Francisco Meireles, que como se sabe foi o pacificador dos Xavantes e morou durante anos na região e as suas informações confirmaram um ponto de vista que já tinha esboçado em meu espírito. Segundo observações de Meireles trata-se de uma região intermediária entre o planalto e a baixada, onde, por isso mesmo, não se acham representados os melhores espécimes das duas. Falta, ali, por exemplo, a tartaruga. E ninguém, nem mesmo o mais visionário, poderia apontar aqueles grandes colares negros que os filhotes de pirarucu fazem, a roda dos paus ou as borbulhas que denunciam a presença do peixe-boi. Não existem, por outro lado, as grandes saraumbeiras, as castanheiras, os tauris pagés. Pergunta-se: para a fixação de tal área, em que se pretende defender flora e fauna, foram consultados os organismos federais específicos como o Serviço de Caça e Pesca, o Conselho Florestal? As informações que tenho a esse respeito são negativas. Parece justo, por outro lado, usar o índio como fonte de divisas e atração de turistas? Também isso me parece desumano. Nossas verbas são ínfimas em relação ao problema que nos compete resolver e à massa humana que nos cabe assistir. Ainda no presente ano tivemos um corte de quase oito milhões, mais de um terço da nossa dotação global. Temos pouco menos de 15 milhões, inclusive a verba pessoal, para atender 200 mil índios do país inteiro. Como gastar 20 ou 30 milhões apenas com esses índios privilegiados do Xingu? Por que uma solução unilateral, de tal natureza? Se tivermos de fazer Parques Indígenas, — e em princípio não somos contra eles —, devemos fazê-los onde existam grande massas humanas a serem assistidas, como é o caso por exemplo do Rio Negro,

que t
ras m
menta
posto
as co
Nosso
de b
milhã
em f
triste
tem
e, m
Maia
do-o
cada

UM LATIFÚNDIO PARA CADA ÍNDIO DO XINGU

que tem em suas margens e sertões quase 80 mil, e onde existam culturas mais ou menos puras. O problema indígena deve ser atacado globalmente não pelo estabelecimento de exceções odiosas. Temos dezenas de postos sem titulares, por falta de verba. Não pudemos até hoje realizar as colônias indígenas de fronteira, de tão alto e claro sentido militar. Nossos trabalhos de penetração estão parados em muitos pontos, por falta de brindes para os índios. E, entretanto, nos propomos gastar 20 ou 30 milhões por ano com os índios do Xingu, paramentando-os para os exibir em futuros pic-nics, numa realidade deformada, que seria profundamente triste se não fôsse, também, humilhante para eles e para nós. O SPI agora tem novo diretor. O coronel Guedes é um homem de alto espírito público e, melhor amparado do que nós, pela sua condição de oficial de Estado Maior do Exército, poderá colocar o SPI no seu verdadeiro rumo, livrando-o dos personalismos e dos interesses grupais que tanto o têm prejudicado nos últimos tempos.



Mulher xavante (quase menina), construindo a sua casa com fôlhas de buri

conselhos de beleza

base
para
o pó
de arroz



1. Comece por fazer uma boa limpeza no rosto com um sabonete, de preferência neutro. Enxague delicadamente, com água fria ou tépida, tendo o cuidado de não estimular o sangue para as faces.



2. Espere meio minuto antes de enxugar o rosto, e, ao fazê-lo, use toalha felpuda, bem macia, sem esfregar. Agora seu rosto poderá receber um bom creme, de ação protetora e revitalizante.



4. Aplique no rosto, com as pontas dos dedos e esfregue com movimentos giratórios, continuando a massagem até o creme ser totalmente absorvido pela pele. Forma-se então a preciosa película protetora de ANTISARDINA N.º 1.



6. Sem colocar mais creme, esfregue as mãos do rosto para o pescoço de maneira a obter uma transição homogênea. O estímulo das células, lhe dará uma agradável sensação de frescor.



3. O indicado é ANTISARDINA N.º 1, excelente creme protetor da cutis, que tem a sua fórmula elaborada à base de ingredientes esmeradamente selecionados, indicados nos modernos tratados de saúde e beleza.



5. Tenha o cuidado de passar o creme em todo o rosto, uniformemente à volta da boca, do nariz e dos olhos. Dependendo disso, em grande parte, o sucesso da maquiagem.



7. Com uma esponja bem limpa, distribua suavemente o pó sobre a base. Não use pó em demasia! A combinação da base com o pó deve proporcionar aparência natural. Remova o excesso com mecha de algodão.

ANTISARDINA N.º 1 (fraco) protege a cutis do rigor dos fortes raios do sol e dos ventos frios, tonificando as células, desobstruindo os poros, tornando a cutis macia e aveludada! É o creme protetor da pele sã, que previne o aparecimento de imperfeições, prolongando a mocidade!

Fórmula n.º 2 (moderado) para eliminar manchas, cravos, espinhas, sardas e demais imperfeições da pele. Para ser usado no rosto, pescoço e colo.

Fórmula n.º 3 (forte) para ser usado na beleza das mãos, braços e ombros. É a fórmula mais eficaz contra sardas, espinhas e manchas rebeldes, eliminando-as prontamente.

Antisardina

o segredo da
beleza feminina!





Grand Monde internacional

NÃO SE ESPANTEM: O sr. Virgílio Carneiro considerado o mais «suspense» «pão duro» do «society» carioca, está cheio de discípulos. Muitos deles têm sido vistos ultimamente na «soirée-snob», escoltando a loura Suzana Pôrto.

Marcado para abril o noivado de Fernando Setembrino com a bonita Nonô Seve. Ambos são figuras do jovem «high-society» que frequenta o Country Club.

João Neder, um dos bons partidos do Rio, passou a frequentar com a devida assiduidade a «soirée-snob» carioca. Dificilmente o Neder, repete um «Date».

Com uma bonita americana, o sr. Estélio Belchior, estava na pista, na «soirée» do último sábado.

A senhora Rute Almeida Prado tem ultimamente sido escoltada pelo brigadeiro Clóvis Costa. Fala-se em romance...



LORICE MALUF, a jovem mais elegante do «high-society» num «flash» especial para Gossips. LORICE, está sem «DATE». À direita: A Princesa Denize de Tasso-Saxe Coburgo e Bragança, está sendo esperada de sua prolongada viagem de núpcias através de vários países da Europa



Como já informei para vocês, está definitivamente marcado para abril o casamento da «beaut» loura Neli Gonçalves, com o milionário (industrial) de Campos, sr. René Ribeiro. O acontecimento será no México, com «lua de mel» na Europa.

Lorice Maluf, elegância «suspense» do jovem «high-society» paulista, já voltou de Guarujá para a capital, onde é vista transitando com elegância pelos salões do «society» local.

Confidencialmente: vai sair casamento do romance de Luís Santos Jacinto com Lana Turner. Sua próxima ida a Hollywood, será decisiva. Aguardem.

Baby Tomas, informa de São Paulo, que conhecido casal do «estado-maior» do «high-society» local, está com os papéis prontos para o desquite. Estou atônito, vou apurar tudo «in-loco».

Ela continua figurando na «prateleira».

Pequenos Flashes



O simpático casal Jorge Dória do «high-society» carioca, que dificilmente é visto em um «night-club» foi ver o «show» Rio de Janeiro... à Janeiro

JACINTO DE THORMES — Estou sendo informado de Petrópolis que o cronista Jacinto de Thormes, está completamente fora de perigo. Embora de relações cortadas com ele, não poderia deixar de lamentar o que lhe aconteceu. Fique bom, Jacinto e volte à pista...

EUGÊNIO RAJA GABAGLIA, comemorou sua «mudança-de-idade» numa recente «soirée» de quarta-feira no «Sacha's» com a presença de figuras de «high-society» carioca. Numa enorme mesa de pista, os convidados de Eugênio e de

sua bonita esposa Maria Helena (tôda de branco), tomaram pouso às 23 horas e só «decolaram» às 5 da manhã. Estive presente, e cumprimentei o amigo Eugênio, que estava com toneladas de alegria.

O nosso conhecido Isac Jakubovicz, no recente Congresso Aeronáutico realizado em Punta Del Este, foi eleito Secretário Geral do mesmo. «Congratulations», Isac.

Transitou a semana que passou, no Rio, o casal José Carlos Moreira Sales, do «society» de Santos. O referido casal tinha como destino o Uruguai.

Outra noite conheci em um «night-club», uma das maiores lórcas política e financeira do Paraná. Trata-se do sr. Ivo Leão Matte, que deverá ser o futuro governador do Paraná.

A muito bonita senhora Carlos Alberto Camargo de Almeida, née Corina Baldo, era, numa recente «soirée-snob», a elegância mais «suspense».

No Fiesta: Jorge Henrique e sua orquestra é nova atração. Aliás, essa «boite» tem ultimamente funcionado muito bem.

O Clube Comercial, prepara um movimentado programa de festas para a «saison» que se inicia. Seu diretor social sr. Álvaro Cardoso Feio, que entende bem do assunto, prepara grande «soirée» com «shows» de categoria.

Dificilmente vou ao «Night and Day». Acontece que na última sexta-feira «decolei» até lá, onde encontrei os casais Jorge Dória, Raniery Mazzili e Vieira Machado, figuras que raramente comparecem à «soirée-snob». Fiquei na mesa desses três simpáticos casais conversando sobre turismo, política etc. Depois do «show» foi pedida a conta. Não se espantem: 8 mil cruzeiros. É assim que o sr. Carlos Machado prega o turismo.



A «beaut» senhora Carlos Alberto Camargo de Almeida, née Corina Baldo, com sua elegância realmente «Suspense» frequentando a «soirée-snob»

O Lagoinha tem um novo presidente. Trata-se do sr. Murilo de Barros, que já foi presidente da Hípica. Sábado foi sua posse com noite de gala e tudo. O sr. Barros substitui o sr. Raul Cebra, que foi sistematicamente o melhor presidente que já passou pelo jovem Lagoinha.

Dois bares foram abertos em Copacabana. Um é o Mon Caprice, que tem como «public-relation» o sr. José Rodolfo Câmara. O outro foi batizado de Dominó, e pertence a um japonês. Até a próxima.

ELAS COMANDAM O "HIGH- SOCIETY"

● No "estado-maior" do "high-society" carioca, muitas senhoras além de terem participação ativa, são também autoras de grandes promoções, como: festas de caridade, grandes jantares, coquetéis e outros acontecimentos que movimentam as colunas sociais. Temos por exemplo a senhora Ivone Lopes, que é uma espécie de líder da maioria. Numa festa ela está sempre na mesa mais importante, comanda vários grupos e é a que mais circula. No setor de festas de caridade, ninguém melhor do que a senhora Léa Affonseca Duvivier sabe com perfeição organizar uma festa. A minha amiga Léa é a autora da festa da "Glamour-girl" no Rio, que todos os anos acontece com muito sucesso no Copa, em Benefício do Patronato da Gávea.

No setor elegância e beleza, apresento a senhora Walter Moreira Sales. A bonita Elizinha que domina o "high-society" carioca, é internacionalmente famosa. O ano passado o meu colega Gigi Cassini, escreveu em sua coluna que a brasileira senhora Walter Moreira Sales foi naquele ano a mulher que melhor se vestiu no mundo. Sua elegância é realmente "suspense". Para finalizar essa minha reportagem apresento outra figura do "high-society" que atualmente está muito focalizado nas colunas sociais. Trata-se de Marize Graça Couto, que lidera o grupo do Country Club, onde seu espôso sr. Adolfo Graça Couto, é Diretor Social. Na opinião do colunista, são essas quatro senhoras que mais se destacam atualmente no "high-society".



Senhora Ivone Lopes, lidera o estado-maior do "high-society" carioca. Sua participação é muito ativa



Senhora Eduardo (Léa Duvivier) Duvivier, trata-se da senhora que melhor sabe organizar uma festa de caridade no "society" carioca. Foi a criadora da festa da "Glamour-Girl"



Senhora Adolfo (Marize) Graça Couto, comanda o jovem "high-society" no Country Club, onde tem participação ativa na vida social do Club mais fechado do Brasil



Senhora Válder (Elizinha) Moreira Sales, domina o "high-society" carioca. Sua elegância é internacionalmente conhecida



• GEYSA BOSCOLI —

Se considero um renovador e um puro. Mas o seu teatro de revista é da pior categoria. E quanto à moralidade, nunca se preocupou com a falta que ela pudesse fazer aos seus espetáculos.

TEATRO POPULAR

E TEATRO POPULARESCO

Por PAULO FRANCIS

O TEATRO popularesco da Praça Tiradentes e filiais, vende-se ao povo sem intermediários. A crítica, entre outros agentes culturais, é impotente para intervir na transação. Protestos ou louvores são igualmente inócuos. Produtor e consumidor entendem-se às mil maravilhas, através de um denominador de gosto e mentalidade. Daí a solvência econômica do teatro-revista e seu "deficit" cultural.

Os empresários da Praça Tiradentes seguem religiosamente o credo de Silveira Sampaio: "Teatro é aquilo que o povo sente, compreende, e aplaude". Não são poucos os intelectuais a partilhar esse ponto de vista, embora lhes falte coragem ou inteligência para arrostar com as consequências lógicas de sua posição; em outras palavras, com o teatro-revista, como existe. O povo sente, compreende, e aplaude o que se passa na Praça Tiradentes e nas bibocas de Copacabana. O Ministério da Fazenda pode atestar o fato, não importa quantos empresários lesem o fisco com "felipetas" e recursos semelhantes.



Teatro popular e teatro popularesco são duas coisas diferentes. Um é arte,

ainda que seu conteúdo e forma sejam, por definição, acessíveis a todos; outro explora, pela lisonja, os preconceitos, o sentimentalismo, e demais insuficiências de gosto e mentalidade da massa.

Os espetáculos de revista constituem um exemplo ideal de teatro popularesco (é nosso propósito realizar, dentro em breve, uma reportagem sobre teatro popular no Brasil. Comentaremos, nessa ocasião, alguns aspectos da obra de Millôr Fernandes e Jorge Andrade, onde temas extremamente complexos são tratados com simplicidade formal acessível a todos, sem prejuízo de conteúdo. Nessa oportunidade, também examinaremos "A Compadecida", do dramaturgo pernambucano Ariano Suassuna, representante menos impuro e mais convencional do teatro popular do que Millôr Fernandes e Jorge Andrade). Sobressaem nos seus textos, dois temas que vêm sendo repetidos **ad nauseam**, nos dez anos de frequência que temos de espetáculos no gênero. O primeiro é, obviamente, sexo, tratado de maneira obscena, nos dois sentidos da expressão. O segundo, costumes políticos do país, justamente condenados pelos sublitteratos da Praça Tiradentes, mas, em termos de achincalhe,

que quase tornam preferíveis as ofensas a seus críticos.

A repressão dos instintos gera suas manifestações subterrâneas, que, por subterrâneas, tendem a ser odientas. Assim, os tabus impostos à livre expressão sexual por superstições religiosas e similares, constituem um incentivo à obscenidade, assim como a toda espécie de perversões. Daí o fascínio de nosso povo pela Praça Tiradentes. O problema existe no Brasil, à espera de solução racional, ao contrário do que muita gente imagina. Para considerável parte da população, sexo ainda é fruto proibido. Segue-se o que se vê por aí.

Na Praça Tiradentes, a obscenidade funciona como válvula de escape dos tabus sexuais, confirmando, portanto, indiretamente, a validade dos tabus. Puritanismo às avessas. Escritores de verdade fizeram outro uso da obscenidade, no passado. Gil Vicente, por exemplo. A linguagem profana do mestre português, constituía um elemento crítico do pedantismo espiritual das classes dominantes de sua época (é curioso notar a reação

• **COLE** — Como empresário
e como ator pa-
trocinou e representa as piores coisas.
Vejam a foto e compreendam que não
é preciso acrescentar mais nada para
situá-lo dentro do teatro de revista.

**INTELECTUAIS DA PRAÇA TIRA-
DENTES ★ OS USOS DA OBSCE-
NIDADE ★ "CRÍTICA" POLÍTICA
NO TEATRO DE REVISTA ★ NOS-
SAS COZINHEIRAS SOBEM AO
PALCO ★ TEATRO DE REVISTA:
SUJEIRA NO PALCO E FORA DO
PALCO**

de nossas classes dominantes diante de Gil Vicente. Há tempos atrás, no Teatro Municipal, os estudantes de Coimbra representaram um de seus autos, "A Barca do Inferno", obra de conteúdo religioso evidente. Após alguns minutos de espetáculo pontilhados de palavrões, D. Darcy Vargas, então a primeira dama do país, retirou-se chocada, do teatro). Em tempos menos cristãos, os dramaturgos da restauração monárquica inglesa, para citar outro exemplo, também utilizaram estrategicamente a obscenidade. Seu propósito: satirizar o excessivo refinamento de maneiras dos nobres de Carlos II.



A crítica de costumes políticos é primária e desonesta, nos espetáculos de revista. Resume-se na exposição de algumas consequências da incúria ou desonestidade de nossos políticos, aquelas de que o povo tem consciência: os preços em ascensão, a falta d'água, etc. O nome dos responsáveis pelo estado de coisas em foco, raramente é mencionado — já não falamos de crítica sociológica, pois isto seria exigir demais dos sublitteratos da Praça Tiradentes.



TEATRO POPULAR

Em suma: não são atacados o Presidente X ou o Ministro Y, apenas o mal-estar social que provocam. O motivo da omissão é óbvio: respeitabilidade por respeitabilidade, a Praça Tiradentes nada fica a dever aos políticos em questão. Com uma agravante: os últimos são autoridade constituída. Dispõem de meios legais para silenciar críticos vulneráveis como empresários de teatro-revista. Hilton Rocha e seus censores, sob pressão política, poderiam tornar praticamente

impossível a subsistência da Praça Tiradentes. Por outro lado, não convém desprezar a possibilidade de uma fusão de interesses. O Presidente X ou o Ministro Y podem ser despojados de suas sinecuras. Quando estiverem farejando novas prêsas, talvez se interessem por financiar espetáculos de revista, como propaganda de seus propósitos. O sr. Adhemar de Barros já deu o exemplo.

A crítica política que resiste à autocensura do teatro-revista, vem a nós em termos de achincalhe. A linguagem dos escritores da Praça Tiradentes é uma contrafação do vocabulário de nossas cozinheiras. Jáira e Maria Aparecida, trocando idéias sobre os problemas na-

cionais, falam a mesma língua que todas as "Mays" e "Gays", no palco. As diferenças são a favor da versão das cozinheiras. Esta tem o mérito da espontaneidade, que, se não é substituto para inteligência ou estilo, ao menos não é ranço e imbecilidade premeditada. Quanto a nós, espectadores, em nossa casa, por modesta que seja, temos uma poltrona estofada, limpeza, e outros confortos para gozar o espetáculo, que não nos custa um níquel. Na Praça Tiradentes, pelo preço de Cr\$ 150,00, temos um ambiente abafado, cadeiras de madeira, pulgas, poeira, maus odores e tudo mais que acontece em cena. Sujeira no palco e fora do palco, eis uma possível definição para o teatro-revista no Rio.

• **WALTER DAVILA** — Atualmente é o mais limpo de todos os cômicos do teatro de revista. E se fosse dirigido (o que é impossível de acontecer nesse gênero de espetáculos) talvez se libertasse completamente dos apelos a recursos menos lícitos.

• **WALTER PINTO** — O rei da Praça Tiradentes. Tem a seu crédito a audácia e o dinamismo. Mas em matéria de obscenidade, sempre ocupou (também) lugar de destaque.





● VIRGINIA LANE — Mudou-se da Praça Tiradentes para uma bilhoca de Copacabana. Mas não abandonou o uso da licenciosidade, os ditos obscenos e o duplo sentido vulgar.

CRÔNICA

GAROTO INTERPRETA ARI BARROSO

1.º TEMPO

Quando for escrita a história dos instrumentos de pau e corda, há o nome de um moço que deve estar incluído na primeira linha. A vida do samba é feita à base de violão, do cavaquinho, do pandeiro... deixemos o pandeiro e falemos dos dois instrumentos, principalmente do cavaquinho — uma espécie de menor desamparado — que depois se transformou numa figura importantíssima dentro das orquestras autenticamente brasileiras. Desde as primeiras gravações nacionais que o cavaquinho está presente — (Casa Edson, Rio de Janeiro) — e seguro nele, nomes que pela ordem souberam de seus segredos: Mário Pinheiro, Zézinho do Patrocínio (Zé Carioca) Mário Portela e muitos outros nomes que se juntaram aos conjuntos da época e disseram bem nas quatro cordas afinadas.

2.º TEMPO

Depois que os conjuntos regionais e outros fizeram do cavaquinho uma figura obrigatória e sempre presente como centro de acompanhamento, surgia em São Paulo um menino de nome austero: Aníbal Augusto Sardinha que por menino ser ganhou o apelido de «Garoto». Não era apenas um executante exímio, um músico completo e sim e mais um homem para quem nenhum instrumento de cordas tinha segredo. Veio para o Rio deixando a sua paulicéia, para tentar ganhar aquilo que sonhava. Viu os Estados Unidos, que eram seu sonho e, cada dia em sua existência era um colher mais, um descobrir mais no braço dos instrumentos que lhe oferecessem cordas sob seus dedos de artista raro. Um homem alegre, um jovem sorridente que pouco era visto sem ser preso ao seu instrumento.

3.º TEMPO

Sem ter visto cabelos brancos em sua cabeça, nem ter perdido ainda aquele ar de menino, Garoto foi convocado desta vida para paragens outras. Seguiu como um acorde sêco, rápido, grave, deixando um punhado de olhares surpresos, enquanto marchava, firme e só para o outro mundo. Deixou um punhado de músicas em cêras comerciais, as mais variadas; programas de rádio onde participou, mas nada mais impressionante que esta gravação que casualmente deixou dias antes de sua morte. Ia gravar na Fábrica «Odeon» não importa o que quando resolveu «esquentar» os dedos e amansar o instrumento. Mal sabia que tudo estava sendo gravado. De uma conversa veio a lembrança e da procura o encontro desta gravação. São músicas de Ari Barroso que aquele artista notável gravara num dia de sol em que todos, inclusive ele, pensavam na beleza da vida, pois era só beleza o que a sua música inspirava. Garoto outra vez vivo pelo milagre da técnica, exuberante como sempre pela grandeza da sua arte que é imortal.

EM MATÉRIA DE DISCOS

GILVAN CHAVES gravará para a Colúmbia o seu primeiro L.P. de músicas praieiras, constando do mesmo as seguintes melodias, todas de sua autoria: — «Mocambo de Palha» — «Sem Ninguém» — «Verdadeiro Amor» — «Eu não Tenho a quem Beijar» (Toadas) «Onda vem, Onda vai» — «O Peixe e a Muié» — «Pescador Preguiçoso» — «Jangada não Anda só».

A «RCA VITOR» prepara-se para lançar o disco de estréia da novata Sandra Helena e no qual figuram: «Festa das Crianças», um rojão de Edmundo de Andrade e Pilombeta e o samba «São Jorge dos Brasileiros», de Ari Montei-ro e Ari Rebelo.

MAYSA MATARAZZO a revelação feminina de 56 assinou contrato com a Record de São Paulo. O seu trabalho reverterá em benefício do Hospital do Câncer.

OS MAIS DA «COLUMBIA»

Estes são os discos «Columbia» mais solicitados nestes últimos dias:

- ★ «ZAZA» — Déo.
- ★ «ANGUSTIA» — Trio Avileño.
- ★ «PARA QUE RECORDAR» — Carlinhos.
- ★ «ZEZÉ» — Lana Bittencourt.
- ★ «JUST WALKING IN THE RAIN» — Johnie Ray.

ESTES ESTRANGEIROS SÃO BONS! (Columbia)

- ★ «WHATEVER WILL BE, WILL BE (Que Será Será)» Doris Day.
- ★ «COME NEXT SPRING» — Tony Bennett com Percy Faith.
- ★ «UN JOUR TU VERRAS» — Jacqueline François.
- ★ «WAR AND PEACE» — Vic Damone.



ACREDITEM OU NÃO!

Depois que o Carnaval vai embora é que recebemos as fotografias das estrelas e astros. Então o tempo nos deixa apreciá-las com calma. Não falaremos daquelas «escabrosas» que certa revista publicou e que tanto «galho» deu na praça. Ficamos onde estamos, com a gente de rádio, com os foliões do rádio. Eis uma fotografia de certo modo rara, rara sobretudo para os nossos leitores de longe do Rio que não puderam ver assim vestida de «Mao-Mao» a famosa estrela, pois o seu aparecimento desta forma foi num programa de televisão. Mas é ela mesmo. A boca denuncia. É Angela Maria, no programa de Paulo Gracindo que as câmaras da TV-Rio captaram.



ASTROS E ESTRÉLAS SÃO NOTÍCIAS

★ PAULO ROBERTO, o grande Paulo Roberto, é notícia todo dia. É que os seus programas na Nacional marcam pela originalidade semanal. É um «melhor» sempre eleito com justiça. Depois, sabendo o que vale não usa a «máscara» nem quer atropelar ninguém, por isso que ele é «bom» e melhor, coisa que pouca gente do rádio sabe juntar com segurança.

★ HAIDÊ MIRANDA é a moça bonita da televisão Tupi que sabe dizer um anúncio muito bem, que canta bonito, que representa bonito e que sabe animar um programa. Noutras televisões de outras terras uma figura assim faturava alto e era poupadíssima. Nós estamos começando. A televisão precisa de ajuda forte e quem está dentro dela tem que trabalhar duro.

★ DIRCINHA BATISTA. Se tivesse havido Carnaval este ano Dircinha Batista poderia ter ganhado prêmios com a sua marchinha «Ela Foi Fundada». Afinal de contas não aconteceu concurso, o povo desfilou na rua para ver o Carnaval dos pobres (ranchos, escolas de sambas e préstitos). Vai daí que por esses motivos Dircinha Batista viu sua música ser cantada pouquinho, pouquinho.

★ FAUSTO GUIMARÃES e CAUBI PEIXOTO. Fazer cartaz dentro de uma estação não é muito difícil até para quem tem talento zero quilômetro. Difícil é ter lugar falando baixinho. É o caso de Fausto Guimarães que existe como um bom animador de programas de auditório e trabalha na Mauá. Ele aqui está ao lado de Caubi Peixoto momentos antes do «astro» seguir para a América.

UM POUCO DA VIDA DOS CARTAZES

PAULO GRACINDO ARREBANHA MULTIDÕES COM SEU PROGRAMA

◆ Depois da revolução de 30 quem era do Norte deu de doença de arribar para o Rio. É que os irmãos nordestinos que tinham vestido a farda, e desceram para depor o presidente, voltavam contando histórias e maravilhas das terras do sul. O moço Pelópidas olhava o mar e mar parece que foi feito para arrastar nordestino para o sul, para seduzir os homens que muitas vezes têm como tesouro as pernas que caminham, os braços que trabalham. Tesouro maior é essa cabeça que eles usam, isso sim.

◆ NÃO HISTÓRIA — Não cabe aqui contar a história de como começou a vida de luta do moço Pelópidas, nome que ele matou por ser complicado. Nem vale repetir a longa história artística de Paulo Gracindo, tão conhecido por esse punhado de povo que o aplaude agora. Resta apenas dizer o que faz agora, o que faz ainda há pouco, e isso sim, é assunto que vale ser contado. Ele aqui está, neste domingo de sol, quando subimos num voo pelo elevador da Nacional. Ele está e com ele um «cast» de «astros» e «estrélas» autênticos, onde se descobre Emilinha Borba, onde está presente Ângela Maria, onde comparece Caubi Peixoto, onde não faltam Nora Nei, Francisco Carlos, Nelson Gonçalves, ou melhor onde não deixa de comparecer o «cast» de vanguarda da grande emissora brasileira. É o «Programa Paulo Gracindo» que abre o dia e vara a tarde, queimando cinco horas seguidas, das horas que as possantes válvulas da E.8 oferecem. Cuida-se neste momento de melhorar o nível de todos os programas de

UM NORTISTA NUM TEMPO EM QUE NÃO ERA «EEM». FALAR COM SOTAQUE — «PAU DE ARARA» NÃO ERA TERMO — SEUS ANUNCIANTES TÊM HORÁRIOS PERPÉTUOS — E LÁ VAI O MILIONÁRIO PELO AR — O MAIS LONGO PROGRAMA DE AUDITÓRIO



EMILINHA BORBA uma «estréla» sempre presente no alegre programa de Paulo Gracindo na Nacional

auditório do rádio carioca. Cuida-se porque a televisão começou a exigir pela sua força. E Paulo Gracindo não esperou ordens, tratou logo de convocar quem de boa cabeça para produzir, quem de bom gosto para arrumar seus qua-

dro e se postou ele mesmo diante do microfone a fazer daquelas cinco horas um espetáculo contínuo onde só funciona o que é a base da alegria. A grande verdade é que conseguiu tudo isso apoiado no bom gosto que carrega no peito, e o equilíbrio na tarimba que adquiriu no teatro e no cinema.

◆ VELA NO BÓLO — O «Programa Paulo Gracindo» tem onze anos de idade. Nasceu na Tupi e cresceu seus últimos seis anos na Nacional. Desde esse segundo período que os anunciantes se fixaram nos seus horários sem nenhuma fuga. Eis aí uma finalidade completa do rádio: entregar aos de casa e do auditório programas que agradem e que façam vender os produtos anunciados. Dizíamos de televisão, este invento que tanto tem apavorado alguns do rádio. Foi ela que encontrou no programa de Paulo Gracindo muito de bom para ser mostrado e, assim, num domingo que antecedeu o Carnaval tivemos pela Canal 13 um verdadeiro «show» onde «estrélas» das maiores desfilaram fantasiadas e «astros» famosos estiveram presentes. O público reclama programas alegres e populares no «vídeo» e Paulo Gracindo negocia com a televisão para que semanalmente os telespectadores vejam em casa os que todos assistem no auditório. Surgirão, com esse novo público, novos passatempos, outras novidades que aumentarão assim de mais a mais o prestígio desse programa de auditório, tão bem ouvido e recebido em casa.

FORTUNA

(o melhor humorista)
APRESENTA



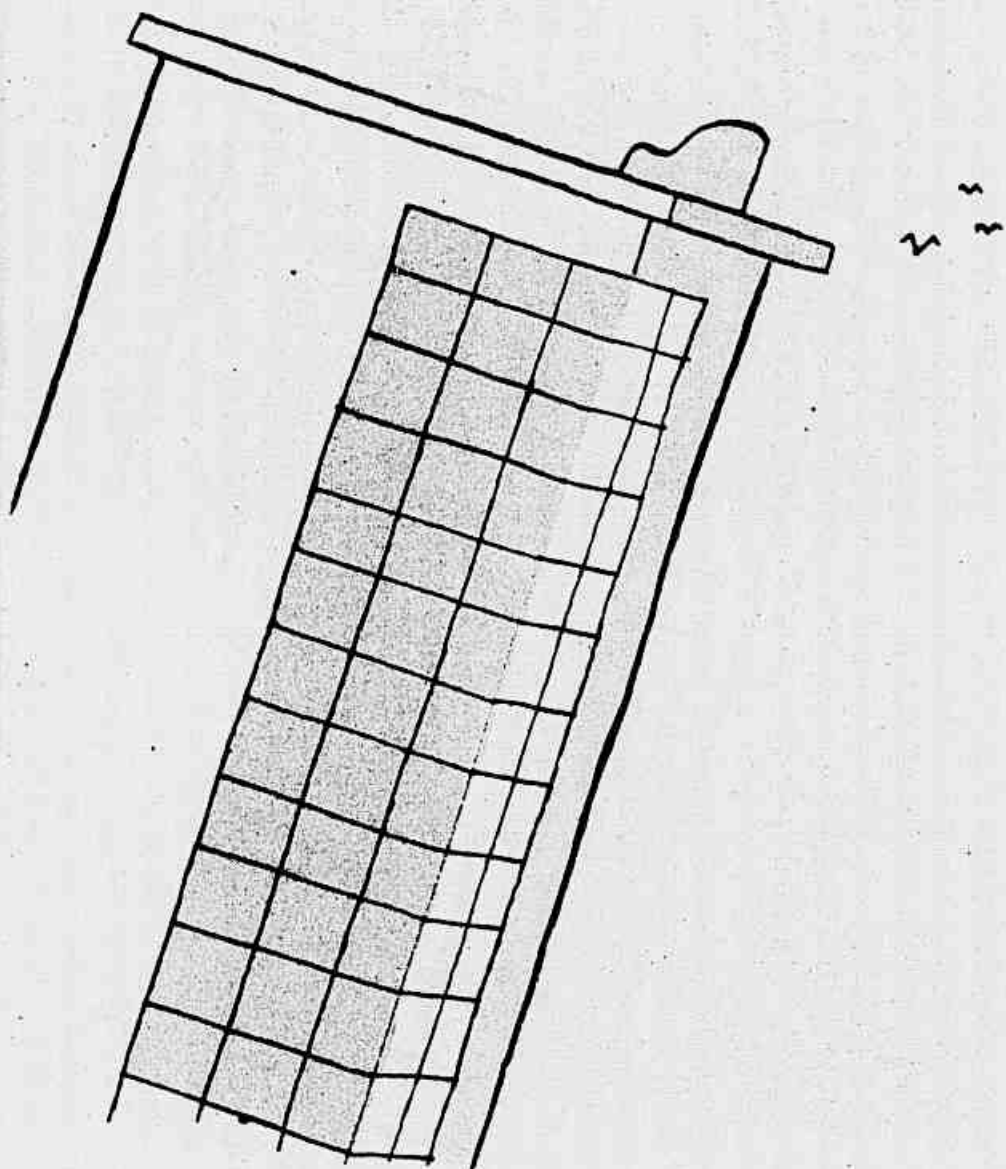
O melhor café do mundo
é o brasileiro!



O melhor futebol do mundo
é o brasileiro!



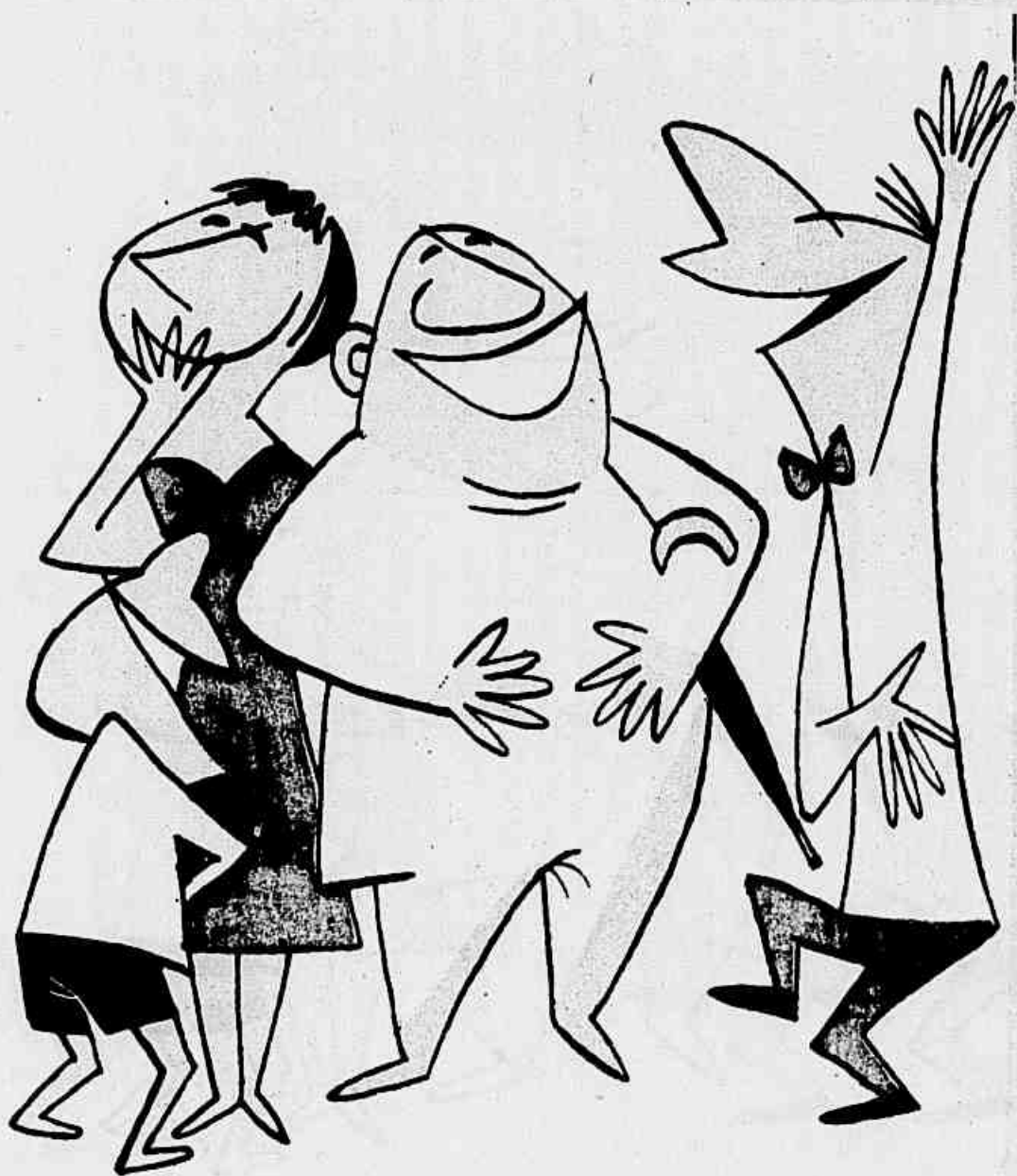
Os mais elegantes do mundo
são os brasileiros!



**A melhor arquitetura do mundo
é a brasileira!**

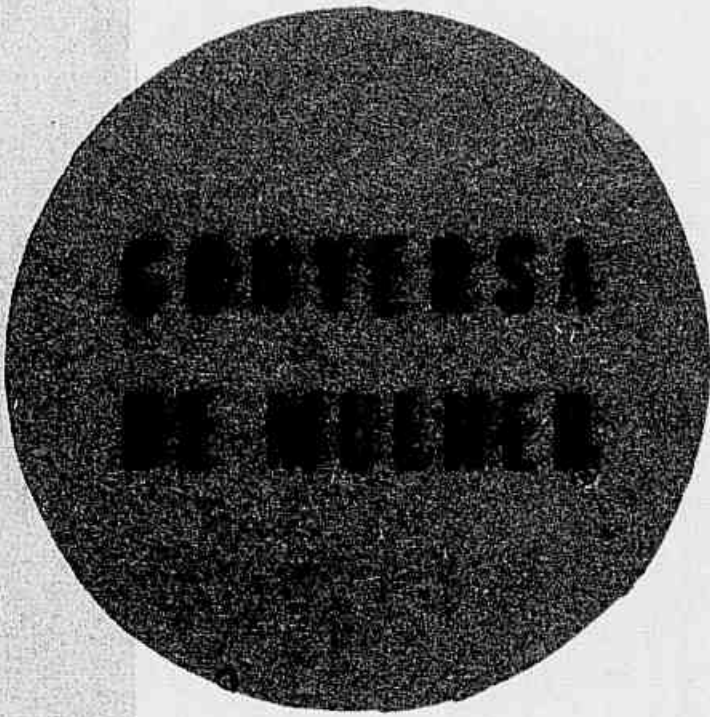


**O melhor Carnaval do mundo
é o brasileiro!**



**O povo mais alegre, feliz e satisfeito do
mundo é o brasileiro!**





LIGIA JUNQUEIRA

SUA BELEZA

Perfumes

ESCOLHER um perfume para seu uso é tarefa que requer uma grande dose de observação de sua própria personalidade. Deve estar de acordo com o seu tipo, sua roupa, sua maneira de viver. Em vez de usar um perfume que destoe de alguns desses itens, é melhor não usar nenhum. Um vestido pode tornar uma mulher elegante, os detalhes podem fazê-la "requintada", mas o perfume dá o toque romântico que a torna irresistível. Por isso é que os costureiros mundialmente famosos são todos criadores de perfumes: Dior, Fath, Chanel, Lelong... para só citar os mais conhecidos. Na escolha de um perfume, você deve considerar os seguintes pontos:

- ★ Uma fragrância exótica ou sofisticada, não é absolutamente própria para as jovens de menos de 20 anos.
- ★ Para os momentos esportivos, dê preferência a um aroma de flores, ou de bosque (lavanda, pinho, cupressos, o nosso eucalipto que quando bem preparado é uma delícia, vetiver, etc.)

- ★ As mulheres de olhos amendoados, de tipo oriental, ficam ótimoamente com perfumes do Oriente, especialmente criados para sua personalidade.
- ★ Como você pode querer variar de perfume da tarde para a noite, o melhor é aplicá-lo diretamente sobre a pele e nunca sobre a roupa. Com um banho retirará um e estará pronta para aplicar outro.
- ★ Se trabalha, evite perfumes muito concentrados nas horas de trabalho. Limite-se às águas de colônia e águas de toalete.
- ★ Cada tipo de pele reage de maneira diferente ao mesmo perfume. Portanto, escolha o que assenta em você. Não compre um perfume que lhe agradou em sua amiga sem experimentá-lo antes.
- ★ Os perfumes evaporam muito rapidamente. Feche o vidro imediatamente depois da aplicação.

O
made
mais
e ma
espell

O v
nos n
ma un
márma
riores

P
CU
tura
Dep
o li

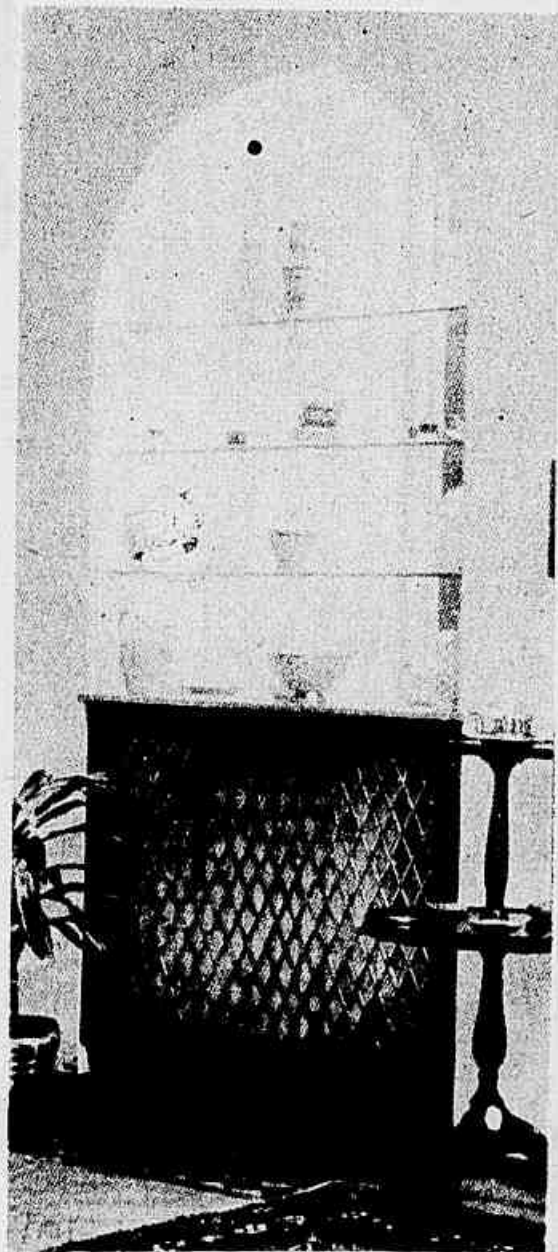
P
NH
ta c
do
pou

Sugestão Para o Lar



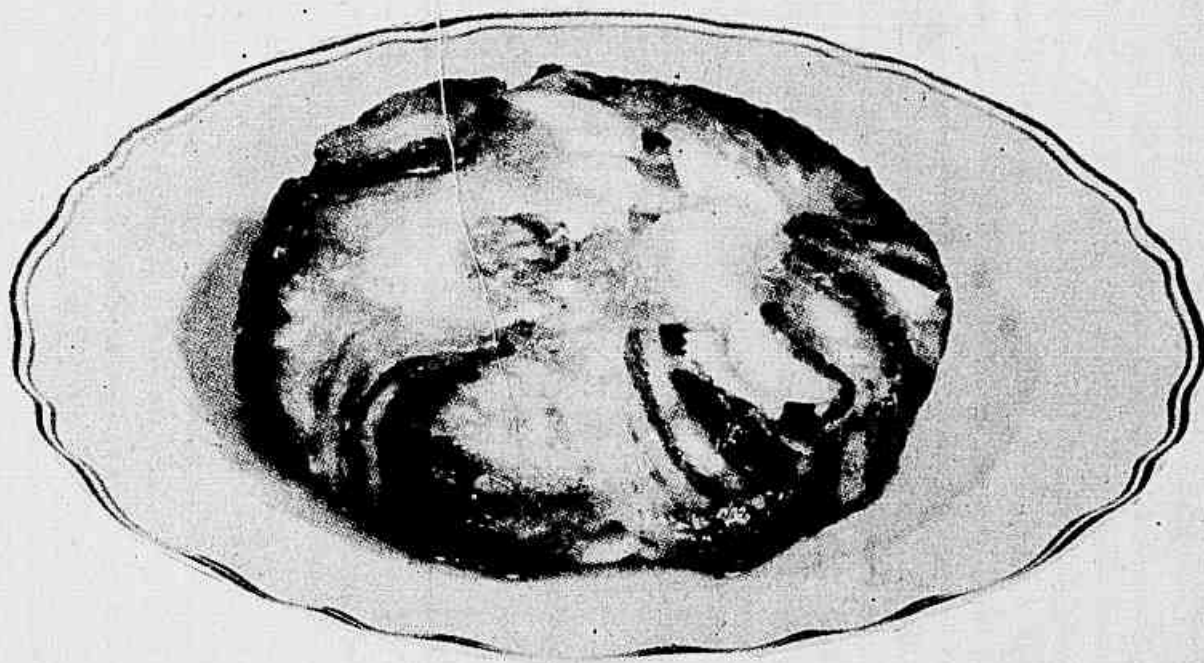
O nicho foi emoldurado em madeira escura, para realçar mais ainda os objetos de prata e marfim. Pode ser forrado de espelho, no fundo, ou de veludo.

♦ Para a sua coleção de bibelôs, estatuetas, taças ou leques, eis duas sugestões que não ocuparão muito espaço, já que consistem ambas em se abrir um nicho (ou um vão) numa das paredes internas que comunicam duas salas ou uma sala e um hall.



O vão é deixado aberto, menos na parte inferior, que forma um balcão com parapeito de mármore. As prateleiras superiores em vidro.

Week-End na Cozinha



♦ Um ótimo acompanhamento para o assado ou a galinha é esta torta de batata. Experimente, que há de agradar a toda a família.

♦ INGREDIENTES

- 1 quilo de batatas
- 200 gramas de parmesão ralado
- 150 gramas de bacon
- 100 gramas de manteiga
- sal e pimenta.

♦ INSTRUÇÕES

- 1 — Descasque as batatas, lave-as bem e enxugue-as. Corte-as em fatias muito finas.
- 2 — Forre uma fôrma que possa ir ao forno, com o bacon.
- 3 — Por cima, arrume uma camada de batata. Cubra com o queijo de Minas cortado em fatias finas. Depois, outra camada de batatas. Ponha sal, pimenta e espalhe a manteiga sobre tudo isso, em pedaços pequeninos. Arrume outra camada de batata, de queijo, de manteiga, sempre temperando cada camada, até haver usado todos os ingredientes.
- 4 — Aperte tudo muito bem com as mãos. Cubra e ponha para assar em forno já quente, por cerca de 40 minutos.
- 5 — Quando estiver pronto, escorra a gordura excessiva e vire a torta no prato de servir.

Notinhas Úteis

PARA DAR BRILHO AOS MÓVEIS ESCUROS — Estregue nos mesmos uma mistura em partes iguais de azeite e vinagre. Depois, dê polimento com uma flanela seca e limpa. Ficarão como novos.

PARA COBRIR AS RACHAS E ARRA-NHÕES DOS MÓVEIS — Use uma pasta feita com talco comum e verniz de móvel, dando à pasta a coloração que quiser com um pouco de anilina ou de «vieux chène», para

que fique idêntica à da madeira. Depois, torne a retocar o verniz.

SE AS PAREDES DE SUA CASA SÃO LISAS, um ótimo efeito decorativo será obtido colocando cortinas e estofamentos em estamparias de cores alegres. Renovarão, sem despesa excessiva.

CONFECCIONE BONITOS E VISTOSOS

GUARDANAPOS com retalhos de linho de boa qualidade, em cores diferentes. Borda um monograma ou só uma letra em cada ponta e arremate com galão que combine.

SE VOCÊ MORA PERTO DA PRAIA procure conservar seus relógios e seus aparelhos de rádio fora das correntes de ar cheias de «salitre» que vêm do mar, e que podem danificar o delicado maquinismo dos mesmos.



ADEMAR E JÂNIO (1ª 1) S



SE PREPARAM PARA 1958▶

ADÉMAR E JÂNIO (1 a 1)



Os dois últimos comícios de Ademar (fotos) foram realmente monumentais. Depois deles, Ademar passou a ser alçado como um possível vencedor. E 48 horas depois

do último para seu

No dia (Horta B ções. Os a eleição

As pri cebeu a resultado Depois pliando n Ademar 12 mil. E Ademar e por cada

Eleito A que desab

JÂNIO GANHOU DA ÚLTIMA VEZ E ADEMAR AGORA FOI A FORRA ★ VANTAGEM PEQUENA PORÉM SINCERA ★ ADEMAR ANUNCIA UM GOVERNO SEM ÓDIOS. E DIZ QUE SEU PRIMEIRO ATO SERÁ PEDIR UMA AUDIÊNCIA A JÂNIO

Reportagem de ELMO LINS
Fotos de CAMPANELLA NETO

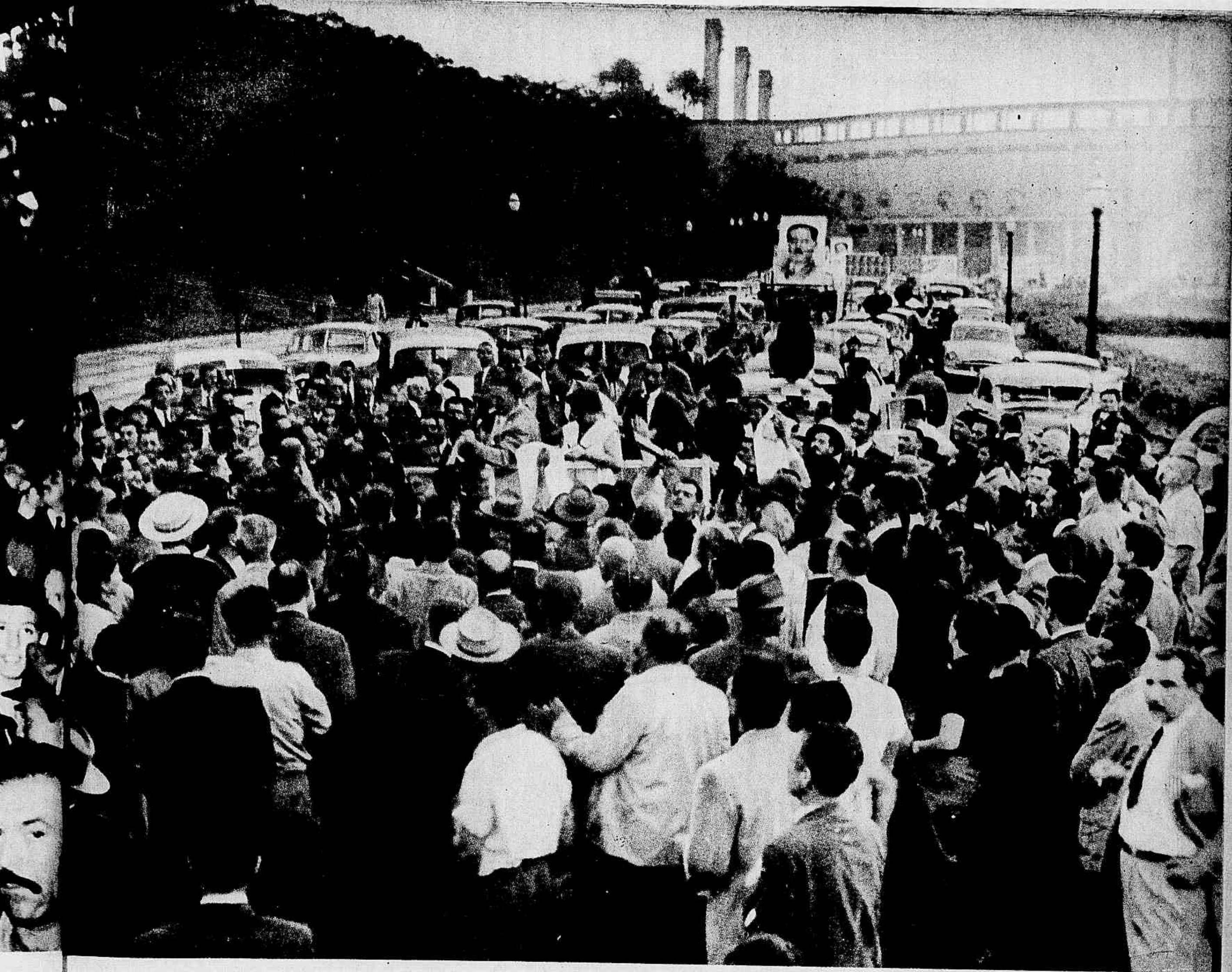
LOGO que foram lançadas as candidaturas, o favoritismo era todo para o sr. Prestes Maia. Depois, quando Jânio resolveu apoiá-lo, seu nome virou «barbada». E mesmo os que achavam que Prestes Maia não era popular, jamais havia ganhado uma eleição, começaram a achar que era mesmo muito difícil ganhar dele, nas circunstâncias atuais.



Depois, quando Ademar entrou no páreo, o favoritismo diminuiu, mas ainda continuou favoritismo. As brigas no PSP (Carvalho Sobrinho, Américo Cardeira e Lino de Matos querendo substituir o chefe) acentuaram a desconfiança no nome de Ademar e as vantagens para Prestes Maia.



Nas últimas 48 horas antes da eleição, Ademar ganhou algum terreno. E mesmo os mais crentes da vitória de Prestes Maia, começaram a suavizar. Afinal, Ademar ainda era uma força. Havia uma máquina bem aparelhada e bem montada.



Depois do último dêles, o povo de São Paulo comparecendo em massa, escolhia Ademar para seu Prefeito. E devolvia-lhe a posição de líder e espantinho da política brasileira.

No dia da eleição as pesquisas anunciavam que os dois candidatos (Horta Barbosa não tinha adeptos), estavam em igualdade de condições. Os chamados eleitores neutros e independentes resolveriam a eleição.



As primeiras urnas abertas deram a vitória a Ademar. Jânio recebeu a notícia friamente. Prestes Maia tremeu com os primeiros resultados.

Depois, com a continuação da apuração, a vantagem foi se ampliando na mesma proporção inicial. Com 100 mil votos apurados, Ademar estava 4 mil na frente. Com 300 mil, sua vantagem era de 12 mil. E quando a apuração atingiu a casa dos 500 mil, a frente de Ademar era de 20 mil. Matematicamente, uma frente de 4 mil votos por cada 100 mil apurados.



Eleito Ademar, todo mundo pensa na confusão e no pandemônio que desabarà sobre S. Paulo. Um prefeito e um governador que se

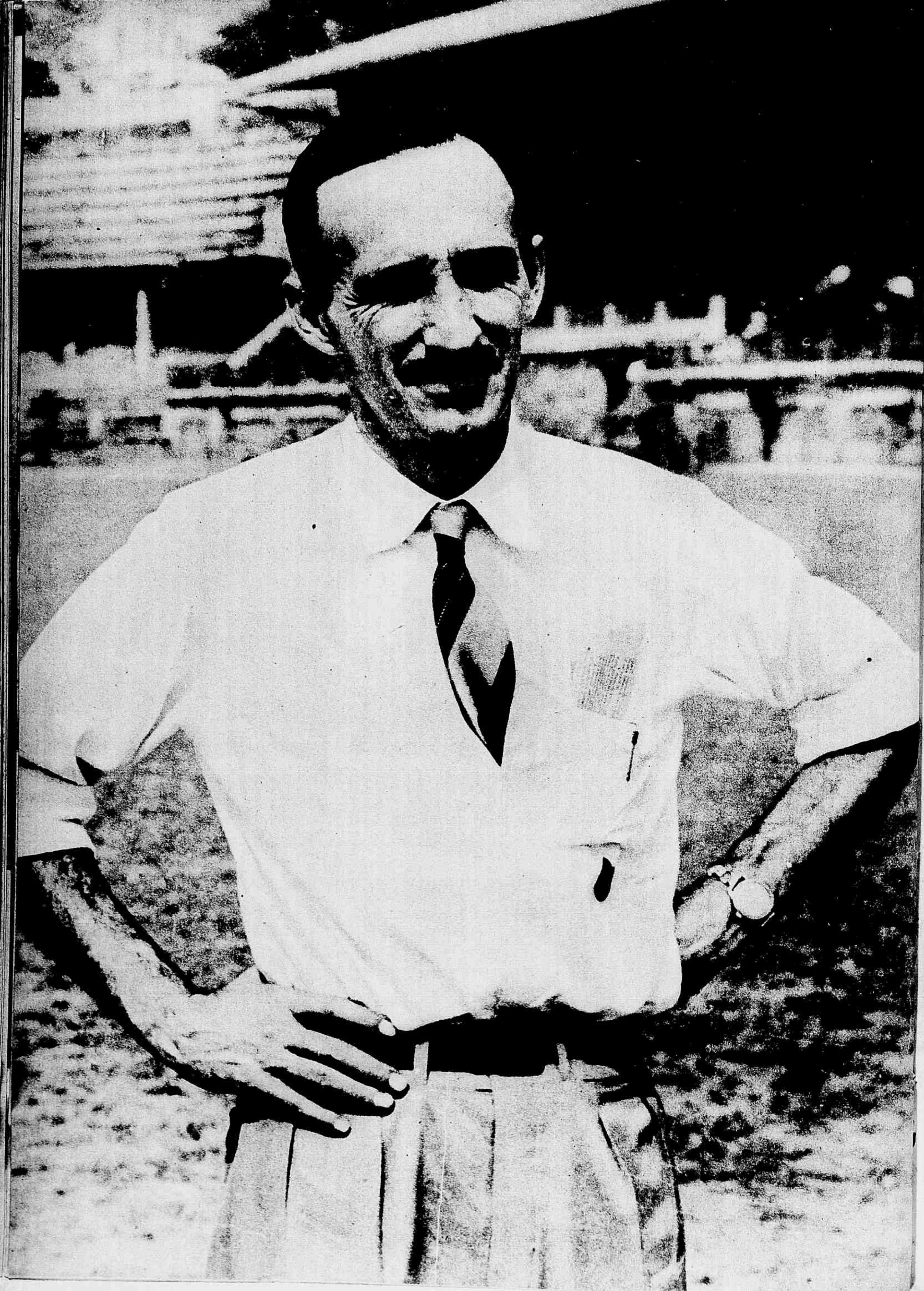
odeiam, inimigos rancorosos e vingativos. Mas Ademar nas suas primeiras declarações depois da vitória, diz que «será um prefeito sem ódios e sem espírito de vingança. Meu primeiro ato, será pedir uma audiência ao sr. Jânio Quadros, para tratar dos problemas de São Paulo». Jânio também terá a mesma «nobreza»?



Agora Jânio e Ademar estão empatados. 1 a 1, é o escore entre eles. A próxima batalha será em 1958 pelo governo do Estado. Jânio tentará eleger um homem da sua confiança, que possa resguardar-lhe as costas. Ademar tentará se eleger governador do Estado como passo final para tentar a Presidência da República em 1960.



Faltam 18 meses. A sorte está lançada. Ademar e Jânio disputando São Paulo. E todo o Brasil assistindo.



PA

N

S

minuto
nífico.
tura e
solicita
jôgo un
sia, va
uma ve
«longev
plantel
do exa
maz Se
quando
rioca, f
por par
dade»
com o

— Co
ma Pa
mar, de
eu era
pre ala
ao públ
do pela
no atua
sômente
tel, não
bangüer

♦ INIC
de Paes
sendo e
da exist
que e o
selecion
pessim
ram) se
rém, con
nunca d
especial

Falando
acariciando
sua filha
futebol
rica e, o
início da

— Ant
jogadore
sileiro, l
Zizinho i
vo de sa
indagar
havia fei
mar? Co
tranhava
vez que
dro do B
rioca, na
do «goal
de da crô

Faz um

— Sabe

E explic

NO BRASIL É FÁCIL CALUNIAR, DIFAMAR, MENTIR E DESTRUIR A HONRA ALHEIA

SURPRESO com o resultado obtido. Na prova de pulso verificou-se uma deficiência na capacidade de recuperação. A idade do atleta não comporta mais exigências contínuas durante os 90 minutos, embora seu estado hígido seja magnífico. Tememos uma partida em temperatura elevada em que seu esforço físico seja solicitado com empenho. Exigir um «train» de jogo uniforme desse atleta é querer em demasia, vai além do seu desejo que é servir mais uma vez a seleção carioca. Como prêmio à sua «longevidade esportiva» devíamos mantê-lo no plantel — essas palavras, escritas no resultado do exame a que foi submetido o jogador Thomaz Soares da Silva — o «Mestre Ziza» — quando da formação do último selecionado carioca, foram mais um motivo para exploração, por parte da crônica esportiva, da «má vontade» do médico Newton Paes Barreto para com o famoso craque nacional.

— Como é fácil mentir neste país! — exclama Paes Barreto. — Como é fácil caluniar, difamar, destruir a honra alheia! Inventaram que eu era inimigo de Zizinho, que procurava sempre afastá-lo dos «scratches», «provaram» isso ao público e cheguei ao ponto de ser substituído pela Confederação Brasileira de Desportos no atual Campeonato Sul-Americano de Lima somente por temerem, que eu, presente ao plantel, não desse condição de jogo ao «player» bangüense.

♦ **INÍCIO DO «AFFAIRE»** — A «má-vontade» de Paes Barreto com Zizinho desde 1952 vem sendo explorada pela imprensa. Até então, nada existira entre os dois profissionais — o craque e o médico. Trabalharam juntos em outros selecionados, inclusive o da Copa de 1950 (de péssima ou saudosa memória, conforme queiram) sempre como bons amigos. Em 1952, porém, começou o «caso» que nesses cinco anos nunca deixou de ser assunto para os cronistas especializados.

Falando com calma, sentado numa poltrona, acariciando a Lolló (cadelinha pertencente à sua filha), o homem que há 17 anos milita no futebol brasileiro — Flamengo, Botafogo, América e, atualmente, Fluminense — rememora o início da «briga»:

— Antes de tomar qualquer contacto com os jogadores convocados para o selecionado brasileiro, li, no vespertino «Última Hora», que Zizinho ia pedir dispensa do plantel, por motivo de saúde. Rápido, correu um repórter a me indagar se era verdadeira a notícia. Como não havia feito nenhum exame, que poderia informar? Comentei isso e adiantei, ainda, que estranhava aquela declaração do jogador, uma vez que ele estava em plena atividade no quadro do Bangu (disputávamos o campeonato carioca, na ocasião), realizando partidas, marcando «goals» e sendo elogiado pela unanimidade da crônica.

Faz uma pausa, sorri e pergunta:

— Sabe o que aconteceu no dia seguinte?

E explica:

O FAMOSO MÉDICO, CONSIDERANDO-SE INJUSTIÇADO, DESABAFADA E CONFESSA SUA REVOLTA ★ DIZ QUE NÃO É (NEM PODERIA SER) INIMIGO DE ZIZINHO ★ 17 ANOS DE ATIVIDADE NO FUTEBOL QUE NINGUÉM DESTRUIRÁ ★ NUNCA ANESTESIEI ZIZINHO

Reportagem de LUIZ AMARAL

— Carlos Nascimento, diretor do Bangu, deu uma entrevista terrível me criticando. Foi o diabo! Não respondi nada, mas tomei precauções. No primeiro contacto que tive com Zizinho, já no «scratch», o jogador me disse que não estava bom. Queixava-se de qualquer complicação nas vias urinárias. Não titubeei. No mesmo instante levei-o ao dr. Rui Goiana, um dos maiores urologistas brasileiros. Fiz ver ao atacante que acararia o resultado (fôsse qual fôsse) dos exames feitos por aquele médico. De fato, Rui Goiana disse que Zizinho poderia ter a qualquer momento um surto febril e que não se poderia contar com ele numa empreitada importante. Zizinho foi, realmente, dispensado.

♦ **NUNCA ANESTESIEI ZIZINHO** — Prossegue o médico tricolor:

— No ano seguinte, tivemos o Campeonato Sul-Americano de Lima (este, de fato, de péssima memória). Zizinho foi convocado e aprovado no exame médico. Fomos para Chosica. Concentração horrível. Tudo difícil. Não havia carne verde, verduras, frutas, nada. Os jogadores faziam relação num local e dormiam noutro. Diferença de temperatura entre os dois locais, o que resultou numa gripe geral. Falta de higiene completa. Um dia dei com os serventes da concentração tomando banho nas pias onde se lavavam pratos. Mudamo-nos, incontinenti, para o Estádio Nacional de Lima. Na véspera de um compromisso importante, feitos os exames médicos, constatei distensão na coxa de Zizinho e entorse em Rodrigues. Naquela altura dos acontecimentos, as «ondas» eram enormes, ninguém poupava o «scratch». Falei aos jogadores que como látiava um dia para o prêmio não poderia dar a palavra final. O tempo correu. Reuni, então, no meu quarto (transformado em consultório), o técnico Aymoré Morei-

ra, Zizinho, Ademir, Rodrigues, Gradim e o massagista Mário Américo. Lembro-me bem do que disse em presença de todos:

— Aymoré, Zizinho está com distensão e Rodrigues com entorse. Se Zizinho quiser eu ponho uma faixa especial na coxa dele para ver se ele pode atuar. Após os testes, se não sentir nada, darei condição de jogo. Ainda mais: com a aquiescência do jogador poderei aplicar uma anestesia.

Zizinho disse que aceitaria a faixa, mas que a anestesia, não. Quando tentei falar com Rodrigues, o ponteiro se adiantou:

— Doutor, prefiro jogar com anestesia. Estou acostumado a isso lá no Palmeiras...

Minutos antes da luta, pus a faixa em Zizinho, fiz os testes, ele nada sentiu e assim entrou em campo. Nos encontros seguintes estava sem condição física. Foi dispensado do plantel. Ao chegarmos ao Rio, todo mundo comentava que eu havia anestesiado Zizinho. E alguns, até, diziam que tinham ouvido gritos de dor do craque quando lhe era aplicada a injeção.

E sorrindo:

— Decididamente eu era contra Zizinho.

♦ **NOVOS «CORTES»** — Muito bem: os amigos e diretores de Zizinho passaram a me considerar inimigo ligado — continua o desportista pernambucano. — Mas todos se esqueceram que para as seleções cariocas que se seguiram Zizinho nem sequer chegou às minhas mãos para exames. Foi «cortado» lá em cima. Zizinho não tomou parte nos selecionados de Zezé Moreira nem de Martin Francisco. Só agora, em 1957, foi ele convocado por Sílvio Pirilo. Procedi ao exame com toda a honestidade possível e ao entregar o resultado ao treinador (resultando com que iniciamos a reportagem) soube do «coach» que Thomaz Soares da Silva havia solicitado dispensa do plantel. Fiquei surpreso. Nada podia fazer. Zizinho saiu porque assim o quis. Mais uma vez os que não sabem ao certo como se desenrolaram os acontecimentos viram logo na retirada do jogador o «dedo» do médico Paes Barreto.

♦ **JÁ NÃO É O MESMO** — Então, Doutor, continua acreditando em Zizinho? — indagamos.

— Zizinho, todos sabemos, é um grande jogador. Fisicamente está em bom estado. Autêntico caso de «longevidade esportiva». Mas, temos de considerar a sua idade. Em sua consciência, não poderemos compará-lo a um atleta novo, de seus vinte e poucos anos de idade. O mundo todo já compreende que futebol é mocidade. O próprio Zizinho sente que não é o mesmo de alguns anos atrás e que nos finais dos jogos seu rendimento decresce. Isso todos vemos. Qualquer um pode ver. A torcida sabe. Mas quando eu digo, me apenham, imediatamente, como inimigo de Zizinho. E já o escalaram para a Copa do Mundo de 1958!

OS BRASILEIROS DECEPCIONARAM MAIS UMA VEZ

★ Não é novidade. Os brasileiros vão sempre muito bem, começam ganhando fácil, mas quando se apresentam os compromissos mais difíceis, falham lamentavelmente. Talvez que a seqüência repetida de insucessos, exija, para sua explicação, mais um sociólogo do que um «expert» esportivo. Neste terreno, percamos definitivamente as ilusões: jamais venceremos a última (ou as últimas) batalhas. O episódio se repetiu com o Uruguai. Éramos os francos favoritos. Vinhamos de atuações excelentes enquanto os uruguaios decepcionaram em duas oportunidades. Mas nada disso impediu a nossa derrota. Na foto (de nossos arquivos) vemos dois dos maiores craques do mundo, dois jogadores de fama mundial. Domingos da Guia e Zizinho. Dois mestres do nosso futebol, dois espectadores angustiados, de insucessos sem conta do futebol brasileiro. Nenhum dos dois, apesar da longa atividade, conseguiu sequer um título internacional, dentro ou fora do Brasil. Resignemo-nos.



SH

OS
RAM
VEZ

s bra-
bem,
l, mas
com-
alham
que a
insu-
plica-
o que
Neste
nitiva-
s ven-
s últi-
dio se
Era-
s. Vi-
celen-
os de-
portu-
o im-
a foto
s dois
mun-
fama
guia e
nosso
es an-
s sem
ileiro.
ar da
uiu se-
cional,
l. Re-

A FIGURA EM FOCO



LOPO COELHO

O Lopo é um Coelho,
perdido na floresta...
Se cheira o que é ruim,
mastiga o que não presta!

MEU
DIEU

Jockey Club Brasileiro



1º Sweepstake de 1957
Cr \$ 20.000.000.00

7 de Abril

Grande Prêmio Outono
1ª Prova da Trílice Coroa